

O Levante de Varsóvia entre a historiografia soviética e ocidental

The Warsaw Uprising between Soviet and Western historiography

El levantamiento de Varsovia entre la historiografía soviética y occidental

Dennison de Oliveira*

<https://orcid.org/0000-0002-9120-5938>

Moisés Wagner Franciscon**

<https://orcid.org/0000-0001-7795-3270>

RESUMO: Por meio do levantamento bibliográfico das historiografias dos aliados ocidentais e a historiografia oficial soviética procurou-se evidenciar as transformações e interpretações contenciosas proporcionadas por ambos os lados durante a Guerra Fria e além desta para um dos episódios que anunciavam a nova realidade de uma Guerra Fria interaliada substituindo o conflito em curso. A troca de acusações e inversões de narrativas, se contidas a princípio, conduziram os trabalhos historiográficos das décadas subsequentes. Sua condução permitiu a elaboração de justificativas para o quadro geopolítico dominante. O destino da Polônia permaneceu incontestável pela realidade da disposição das forças, mas não em sua moralidade. Permitiu a acusação da natureza traiçoeira e autoritária formulada por ambos os lados ao rival político-econômico-ideológico, dissimulando os interesses mutuamente imperiais.

Palavras-chave: Segunda Guerra Mundial. Historiografia soviética. Levante de Varsóvia.

* Professor Titular do Departamento de História da UFPR. Bacharel e Licenciado em História (UFPR, 1987), Mestre em Ciência Política (UNICAMP, 1990), Doutor em Ciências Sociais (UNICAMP, 1995), Pós-Doutor em Estudos Estratégicos (INEST/UFF, 2014). Autor de *Os soldados alemães de Vargas*. Curitiba: Juruá, 2008; *Os soldados brasileiros de Hitler*. Curitiba: Juruá, 2008; *Aliança Brasil-EUA: nova história do Brasil na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015; *Extermine o inimigo: blindados brasileiros na Segunda Guerra Mundial*. Curitiba: Juruá, 2015, entre outros. E-mail: dennisondeoliveira@gmail.com.

** Professor SEED-PR, membro da seção de História do NRE-Campo Mourão. Licenciado em História (UEM, 2003), Mestre em História (UEM, 2013), Doutor em História (UFPR, 2019), Pós-Doutorado em andamento (UFPR, 2021-). Autor de *A revista Veja e o bloco soviético, do império do mal ao fracasso do comunismo: 1985-1991*. Curitiba: CRV, 2013. E-mail: mw.franciscon@hotmail.com.

ABSTRACT: Through the bibliographic survey of the historiographies of the Western allies and the official Soviet historiography, we sought to highlight the transformations and contentious interpretations provided by both sides during the Cold War and beyond this for one of the episodes that announced the new reality of a combined Cold War replacing the ongoing conflict. The exchange of accusations and inversions of narratives, if contained at first, led the historiographic works of the subsequent decades. Its conduction allowed the elaboration of justifications for the dominant geopolitical framework. Poland's fate remained unchallenged by the reality of the forces' disposition, but not in their morality. It allowed the accusation of the treacherous and authoritarian nature formulated by both sides to the political-economic-ideological rival, concealing the mutually imperial interests.

Keywords: Second World War. Soviet historiography. Warsaw uprising.

RESUMEN: A través del relevamiento bibliográfico de las historiografías de los aliados occidentales y la historiografía oficial soviética, buscamos resaltar las transformaciones e interpretaciones contenciosas proporcionadas por ambos bandos durante la Guerra Fría y más allá de ésta para uno de los episodios que anunciaban la nueva realidad de una Guerra Fría combinada, reemplazando el conflicto en curso. El intercambio de acusaciones e inversiones de narrativas, si se contenía en un principio, condujo a los trabajos historiográficos de las décadas posteriores. Su conducción permitió la elaboración de justificaciones del marco geopolítico dominante. El destino de Polonia no fue desafiado por la realidad de la disposición de las fuerzas, pero no por su moralidad. Permitted the accusation of treason and authoritarianism formulated by both sides to the political-economic-ideological rival, concealing the mutually imperial interests.

Palabras clave: Segunda Guerra Mundial. Historiografía soviética. Levantamiento de Varsovia.

Como citar este artigo:

Oliveira, Dennison de; Franciscon, Moisés Wagner. "O Levante de Varsóvia entre a historiografia soviética e ocidental". *Locus: Revista de História*, 28, n.1 (2022): 118-146.

Introdução

O Levante de Varsóvia¹ é entendido por alguns como o primeiro episódio da Guerra Fria (Lucas 1975). Porém, as relações soviético-americanas mal foram conturbadas (não mais que outros

¹ O Levante de Varsóvia foi uma revolta ocorrida entre 1 de agosto de 1944 e 2 de outubro de 1944, promovida por membros de grupos clandestinos poloneses com o intuito de expulsar as tropas alemãs na capital e declarar um governo polonês, aproveitando-se do enfraquecimento daquelas pela aproximação do Exército Vermelho. Contando com o apoio anglo-americano, mas sem o soviético, que sequer fora informado para montar e coordenar o auxílio com antecipação, o levante foi derrotado e Varsóvia, destruída.

pontos de discórdia entre seus diplomatas em acontecimentos anteriores), ao contrário das anglo-soviéticas. E, mesmo estas, deslançaram novamente no fim do mesmo ano de 1944 quando o comando aliado (e Churchill, em especial) pediu a Stalin que a nova ofensiva soviética ao longo dos rios Vístula e Oder fosse antecipada, de forma a desafogar os exércitos anglo-americanos em dificuldades nas Ardenas. Além do criterioso cumprimento, por parte da URSS, do “Acordo das Porcentagens” estipulado com a Inglaterra, que, por sua vez, sepultou durante algum tempo a questão polonesa.

Se, no momento de sua eclosão até seu encerramento, o levante não provocou uma crise realmente séria na aliança antinazista, após a guerra, com o início de fato da Guerra Fria e das sucessivas e crescentes tensões entre as superpotências, a historiografia de ambos os lados se debruçou sobre o episódio, que ganhou o vulto que não conheceu em sua própria época. Apesar de semear novas dúvidas entre os aliados, não se tratou de uma dinâmica original em suas relações e desconfianças mútuas.

Parte considerável da historiografia ocidental concordou com o argumento surgido em meios conservadores contemporâneos à sublevação² – e nos diários do primeiro-ministro inglês – de que o fracasso do levante deveu-se exclusivamente aos planos expansionistas de Stalin. Alguns historiadores conservadores posteriores (inclusive aqueles impelidos com a nova guerra fria³ entre o Kremlin e Washington devido à expansão da OTAN para as fronteiras russas – Polônia em 1999, Báltico em 2004, a ruptura do Tratado INF por parte dos EUA em agosto de 2019, e avessos a própria imagem e lembrança do comunismo) foram além do âmbito político-diplomático em suas acusações, envolvendo também a sorte da população local e de “aliados” ocidentais. A historiografia oficial soviética, por sua vez, era impelida por três elementos: caracterização da

² Davies (2006, 353-354) afirma que até o dia 11 de agosto a imprensa ocidental manteve uma postura apaziguadora com os soviéticos, publicando suas motivações para a interrupção do avanço no sentido Vístula-Berlim. Neste dia, um artigo no *L'Osservatore Romano*, o jornal diário do Vaticano que também serve de imprensa oficial da Santa Sé, acusou a URSS de paralisar os ataques deliberadamente, com fins políticos. Os jornais ingleses inicialmente atacaram o diário, que pretendia promover uma fissura na aliança que combatia o Eixo. Nos dias seguintes, no entanto, os jornais britânicos de linha conservadora, a começar pelo *Manchester Guardian*, em 22 de agosto, e a coluna do jornalista George Orwell no *Tribune*, adotaram a crítica vaticana (Orwell ainda se notabilizaria pelas notas da discussão com o historiador Geoffrey Barraclough, que criticara o levante e o AK, em primeiro de setembro). No dia seguinte ao artigo no *L'Osservatore Romano*, Churchill teria confidenciado a Anthony Eden, sucessor de Stafford Cripps como líder da Câmara dos Comuns, seus temores quanto a boa-fé de Stalin. Em seguida, comunicaria o mesmo aos americanos e também ao Ministro da Informação do Reino Unido, seguido de uma carta a este, em que se queixa da pouca ressonância do “comportamento estranho e sinistro dos russos” quanto à Varsóvia (Davies, 2006, 355;399;362).

³ Não se refere aqui à Nova ou Segunda Guerra Fria, como apontada por Halliday (Munhoz 2005; 2020), que marcou a maior parte dos anos 1980, mas a um novo período de tensão que se segue ao do fim da Guerra Fria com os subsequentes anos Yeltsin e que tem marcado as relações russo-americanas em um crescente desde a chegada de Putin ao poder e a reafirmação do status de potência pela Rússia (Cohen 2019). O Tratado de Forças Nucleares de Alcance Intermediário, INF, assinado por Gorbachev e Reagan em 8 de dezembro de 1987 eliminava os mísseis de médio alcance soviéticos e americanos em solo europeu, cuja implantação levou à crise dos euromísseis em 1983.

possibilidade de libertação europeia do nazismo em sua área de influência apenas pela ação soviética; o empenho dos futuros líderes da Polônia (reconhecidos em Moscou) em comum acordo com o Kremlin e gozando do suporte da população polonesa; a negação das acusações dos historiadores ocidentais entendidos como antissoviéticos ou antissocialistas. A historiografia ocidental, uma vez que raramente aborda a versão soviética sobre o ocorrido⁴, não repete o último item constituinte da narrativa historiográfica soviética. No entanto, possui os demais, com o sinal inverso, realçando a importância ocidental no evento. Os grupos que se digladiavam pelo poder na Polônia liberada dos nazistas foram alardeados por seus respectivos patrocinadores em Londres e Moscou como os únicos e verdadeiros representantes da Liberdade – o que o passado e o futuro de ambos punham em dúvida para o observador que desejasse manter o mínimo de imparcialidade sobre os campos em conflito.

A guerra iniciou-se eventualmente pela manutenção por parte da Inglaterra e da França dos compromissos assumidos com a Polônia do regime dos coronéis ou Sanacja, ao contrário do desfecho tchecoslovaco. O Levante foi a oportunidade última para Londres gerar uma situação justificadora para a guerra. Para seu império, a guerra faria sentido com a absorção da Polônia da órbita alemã para a sua própria⁵, mas não o faria se caísse sob influência de um novo rival continental. Sua história também permitiria aos anglo-saxônicos desculpar seu abandono dos poloneses livres no pós-guerra em vista dos esforços para uma vitória do governo polonês no exílio londrino. Para a URSS, significa a existência ou não de um antigo inimigo, de suma importância estratégica na Guerra Fria que se esboçava como substituta das políticas de supressão ou não-reconhecimento.

O levantamento bibliográfico realizado, que coligiu os principais trabalhos realizados por ambas as historiografias (inclusive envolvidos diretos, como Churchill e Zhukov) durante e após a Guerra Fria, em edições primordialmente em português, secundariamente em espanhol e marginalmente em russo, mostra que ambos os lados da Cortina de Ferro pretenderam dar a vitória para sua própria versão, sem conseguir abafar completamente as vozes dissonantes internas⁶,

⁴ A exceção fica com o jornalista e correspondente de guerra russo de nascimento, mas radicado na Inglaterra desde a Revolução, Alexander Werth (1966). Em geral, quando a versão soviética é citada, é negada logo em seguida. Werth, que entrevistou os generais soviéticos nos subúrbios de Varsóvia e acompanhou a atividade do exército soviético de perto, reforça a versão de incapacidade de ação militar.

⁵ Em 1934 os dois regimes fascistas assinaram um pacto de não-agressão que aproximou a ambos, e que foi denunciado por Hitler em abril de 1939. Interessante lembrar a flutuação de zonas de influência formada pelas ditaduras europeias e disputadas pelas aliadas Itália e Alemanha (Cienciala 2011).

⁶ O Levante permaneceria na vida política polonesa por muitos anos. Em 1976 a oposição na sociedade civil ao governo socialista fundou o Comitê de Defesa dos Trabalhadores, *Komitet Obrony Robotników*, KOR, para prestar assistência para além da esfera estatal e dar publicidade à oposição. Dois de seus membros principais era antigos oficiais do AK (Kotkin 2013, 161). Andrzej Wajda, valendo-se do ambiente de desestalinização e da vitória da propriedade camponesa da terra sobre a coletivização, rodaria seu filme *Kanal* (1957) com uma representação nada elogiosa para os soviéticos e o POP.

utilizando interpretações opostas e interessadas dos mesmos fatos, bem como elegendo fatos diferentes como base para suas narrativas.

Historiografias em conflito

Historiadores soviéticos, em geral, preferiam silenciar-se sobre o levante. Seu fato central é o estabelecimento do governo polonês pró-soviético em Lublin, e não os acontecimentos na capital. Quando lembrados⁷, são classificados como uma aventura reacionária, sob comando de um grupo elitista de exilados a serviço do imperialismo britânico, inconscientes e inconsequentes da situação no front e sem chances reais de sucesso contra os alemães. O contrário pode ser afirmado sobre a historiografia ocidental⁸. Seu fato central é o Levante, e o Comitê Polonês de Libertação Nacional (CPLN) de Lublin é que se torna o fato acessório e secundário, origem de um governo ilegítimo de fantoches pró-soviéticos. Ambos os lados procuram validar seus respectivos governos e desclassificar o rival. Cada qual assegura que os aspirantes ao poder na Polônia a si alinhados defenderam a libertação e democracia no país, enquanto o poder antagonista pretendente omitiu-se. Assim, para os soviéticos, os nacionalistas preferiram resguardar suas energias para combater as forças progressivas, comunistas e o próprio Exército Vermelho em seu avanço através da Polônia para Berlim, em vez de atacar os nazistas. Para os poderes ocidentais e seus historiadores militares, o inverso, com a denúncia da inexistência no país de uma organização e atividade de guerrilha ou exército nacional (o Exército de Berling ou 1º Exército, *Pierwsza Armia Wojska Polskiego*, é visto como marionete ou mesmo a falsificação de oficiais e soldados russos sob a bandeira bicolor polonesa (Prazmowska 2003, 123-125)⁹ ou filiação partidária comunista realmente de massa ou a paralização do Exército Vermelho nos subúrbios de Varsóvia, abandonando os combatentes

⁷ Muitas vezes, não o são, como em Nikolaev e Israelian (1970), Riábov (1983), Rozanov (1963), e o marechal Ivan Konev (1970), apesar de comandar a 1ª Frente Ucrâniana na Operação Lvov-Sandomierz, atingindo o Vístula no mesmo momento, quase não menciona o teatro polonês.

⁸ Há historiadores ocidentais que analisam o evento de maneira equilibrada, mas ainda assim enfatizam a questão de Varsóvia e não Lublin. O brigadeiro britânico Peter Young (1980, p.198) menciona essa importante linha que afirma que “Stalin deixa massacrar os insurretos de Varsóvia” por os considerar inimigos de classe, tendo os nazistas realizado seu trabalho futuro, um novo massacre de Katyn, ainda descrevendo uma Varsóvia esvaziada de forças alemãs, um Rokossovsky que se nega a falar com o AK e com tropas e armas soviéticas que se sentam e calam do outro lado do rio Vístula (Cartier, 1977, p.595; 598).

⁹ Enquanto os poloneses de Anders são lembrados pelos historiadores militares do Ocidente pela bravura de optar por continuar lutando ao lado de ingleses e americanos, Zaloga (2013) afirma que os soldados poloneses de Berling, retirados de campos de prisioneiros, entre soldados soviéticos de sangue polonês e voluntários, precisavam optar entre lutar e trabalhar no Gulag. 40% dos oficiais seriam soviéticos da Ucrânia e Bielorrússia, e a proporção seria muito maior entre técnicos da aviação, artilharia ou comunicação e seus controladores. Assim, dois exércitos poloneses lutaram contra a Alemanha após a rendição do país. A grande maioria oriunda das tropas polonesas rendidas pelos soviéticos em agosto de 1939. O contingente que lutou no teatro ocidental sob o comando inglês e em seguida americano, os homens de Władysław Anders, formou-se primeiro e, em seguida, os que lutaram no teatro oriental, sob comando soviético, os homens do general Zygmunt Berling.

adeptos do governo exilado em Londres à própria sorte, nas mãos dos nazistas (por ex., Kotkin 2013, 167-168).

Mesmo uma obra destinada a combater a “falsificação” da história pelos colegas dos países ocidentais (Kulkov; Rjchevski; Tchelichev 1985) não se importa em reafirmar a versão soviética deste cenário da guerra, apesar de seus esforços no caso Katyn. Vagamente se refere à entrada dos soviéticos no território polonês. Os autores preferem reforçar o mote oficial de que “ao enviar as suas forças armadas para a libertação dos países da Europa e da Ásia, a União Soviética nunca se imiscuiu nos seus assuntos internos”, citar o número de soviéticos mortos na tarefa libertadora (600 mil na Polônia) e a força da atividade revolucionária local (a passagem dos membros do partido comunista na Polônia de 4 mil membros em 1942 para 20 mil em 1944), demarcando o estabelecimento do novo regime como fruto das forças sociais internas e não de sua própria atuação, e a luta polonesa antifascista como exclusivamente socialista (Kulkov; Rjchevski; Tchelichev 1985, 307; 311; 329). O general do Estado-Maior Sergei Shtemenko, que participara da organização e condução da Operação Bagration (até junho coordenara a 2ª Frente Bielorrussa, que tentaria forçar o Vístula imediatamente ao norte de Varsóvia logo depois. A partir de julho, no entanto, foi deslocado para a 3ª Frente Báltica, ao norte), prefere passar dos avanços ao norte junto à Prússia Oriental para o sul, na Romênia, sem citar Varsóvia. Afirma que os planos originais previam cruzar a Prússia Oriental até a foz do Vístula no Báltico, porém o esgotamento das tropas impôs “objetivos mais modestos” (Shtemenko 1985, 312). Tal movimento isolaria Varsóvia.

Uma exceção é a narrativa detalhada do próprio marechal Zhukov, que reforça a história oficial. Ainda em julho, Stalin expressava mais interesse em Lvov do que no Vístula: “Usted [Zhukov] y Kónev propenden a tomar antes el Vistula. Pero el río no se nos va a escapar. Terminen cuanto antes el asunto de Lvov” (Zhukov 1970, 602). A antiga Leópolis/Lemberg seria renomeada pelos poloneses para Lwów em 1919, se tornaria Lvov com os soviéticos em 1939, Lemberg com os alemães em 1941 e novamente Lvov/Lviv em 1944. Afirmando que Varsóvia nunca foi um objetivo sério permite maior justificativa para a ação soviética. Apesar do fato óbvio da corrida para as capitais europeias para se obter o controle de todo o território a ser finalmente decidido poucos meses depois, na Conferência que se avizinhava em Yalta (por exemplo, a ação inglesa em Atenas, ou, posteriormente, o fim da guerra para os soviéticos no dia 9 e não 8 de maio, legitimando o controle sobre Praga, ou o debate sobre o rumo para Berlim entre os aliados). Zhukov desempenhou papel importante. Foi enviado de Moscou para a região de Varsóvia para averiguar a situação da 1ª e 2ª Frentes Bielorrussas e do estado das tropas após os esforços da Bagration. Refirma que nem Moscou, nem os comandantes soviéticos no front e nem os poloneses de Berling

foram avisados do Levante, Stalin enviou dois paraquedistas para servirem de ligação com os sublevados, mas seu líder, Bór-Komorowski, os mandou embora. Ainda assim as tropas soviéticas e polonesas pró-soviéticas procuraram atingir e se unir com os revoltosos. Mas com o desgaste, contra-ataque alemão, e a falta de qualquer coordenação entre as forças, recuaram¹⁰. Em seu retorno ao Kremlin, no dia 2 de outubro, Stalin e Molotov pressionavam pela captura de Varsóvia. Zhukov e Rokossovski explicam que apenas uma manobra de envolvimento, impossível no momento, poderia ser vitoriosa. Não era o momento para a insurreição¹¹. Caberia ao marechal o controle da 1ª Frente Bielorrussa, que libertaria definitivamente a capital em janeiro de 1945.

Outra narrativa detalhada está presente no livro do então marechal, membro do Politburo e ministro da Defesa entre 1967-76, Andrei Grechko (fora general do 1º Exército da Guarda na 4ª Frente Ucraniana na Hungria e Áustria), comemorando os 30 anos do fim da guerra (publicado em russo em 1975, e em português em Moscou em 1985, quando a retórica da missão internacionalista e libertadora do Exército Soviético ganha novo significado no Afeganistão), em parceria com outros oficiais-historiadores, como o famoso coronel Mikhail Semiriaga. Desde o início procura afirmar o POP (Partido Operário Polonês) como legítimo representante do povo polonês. Lembra

¹⁰ “Por orden del mando del 1er. Frente Bielorruso cruzaron el Vístula y ocuparon el malecón de Varsovia tropas soviéticas y polacas. Pero Bor-Komarowski tampoco esta vez hizo nada por cooperar con ellas. Pronto los alemanes allegaron fuerzas considerables al malecón y comienzan a presionar sobre nuestras unidades [...]. Yo pude comprobar que nuestras fuerzas habían hecho todo lo posible por ayudar a los insurgentes, pese a que, repito, el alzamiento no había sido concertado en absoluto con el mando soviético. Todo el tiempo – antes y después de la retirada forzosa de nuestras tropas – el 1er. Frente Bielorruso prestó ayuda a los insurgentes, lanzando desde aviones víveres, medicamentos y municiones. Recuerdo que la prensa occidental propaló al respecto no pocas noticias tendenciosas susceptibles de confundir a la opinión pública [...] Yo no participé en la organización de esa ofensiva, cuya finalidad operativa me era incomprendible, y que tanto quebrantaba a nuestras tropas. K. K. Rokossovski era de la misma opinión, pero, según dijo, el Gran Cuartel General exigía que el 47º ejército saliera al Vístula en el sector Modlin-Varsovia y ampliara la cabeza de puente en el río Nárev. Telefoné al Supremo, informándole de la situación, y le pedí permiso para suspender los combates ofensivos en el sector del 1er. Frente Bielorruso, toda vez que no abrían perspectiva alguna, y ordenar que pasaran a la defensiva las tropas de su ala derecha y las del ala izquierda del 2º Frente Bielorruso, para que descansaran y recibirán los necesarios refuerzos” (Zhukov 1970, 610-611).

¹¹ “Despliego el mapa y explico. Veo a Stalin nervioso: se acerca al mapa, se aleja, vuelve, me mira fijamente a mí, escruta la carta, a Rokossovski. Deja a un lado la pipa, síntoma inequívoco de estar desasosegado y descontento por algo.

- Camarada Zhúkov – me interrumpió Mólto - , usted propone suspender la ofensiva cuando el enemigo, quebrantado, no está en condiciones de aguantar la presión de nuestras tropas. ¿Acaso es razonable lo que sugiere?

- El enemigo ha logrado ya establecer su defensa y alegar las reservas necesarias – le repliqué -. Ahora está rechazando con eficacia nuestros ataques. Y nosotros padecemos bajas, absolutamente injustificadas.

- ¿Usted respalda la opinión de Zhúkov? – Pregunta Stalin a Rokossovski.

- Sí. Estimo que hay que dar a las tropas descanso y tiempo para que se recuperen, después de una tensión tan prolongada [...].

- Bien, ¿y si se apoya al 47º ejército con aviación y se le refuerza con tanques y artillería, será capaz de llegar al Vístula entre Modlin y Varsovia? [...]. ¿Y qué opina usted? – inquirió el Supremo, dirigiéndose a mí.

- Me parece que esta ofensiva no nos depara más que pérdidas – reiteré -. Y desde el punto de vista operativo, no nos es imprescindible la zona noroeste de Varsovia. Varsovia hay que tomarla flanqueándola por el sudoeste, asistiendo al mismo tiempo un poderoso golpe tajante en la dirección de Lodz-Poznan. En el frente no tenemos ahora fuerzas para eso” (Zhukov 1970, 611-612).

de sua fundação ainda em janeiro de 1942. O governo do exílio é citado episodicamente¹², conspirando contra os libertadores soviéticos e a favor do antigo regime militar polonês¹³. A forte presença de soviéticos (ucranianos e bielorrussos dos territórios em litígio na fronteira soviética-polonesa epicentro da Guerra Polonesa-Soviética de 1919-1920 e da invasão soviética em 1939) nos grupos guerrilheiros e exército pró-soviético poloneses¹⁴, é vista como prova da luta comum contra o nazismo e da necessidade da liderança soviética. Ao mesmo tempo, elenca que tanto a política do Governo do exílio quanto os nazistas constituíam um desafio à democracia no país. “As tropas soviéticas estavam determinadas a derrotar os Exércitos alemães e a auxiliar o povo polonês em seus esforços para libertar-se do jugo do invasor alemão e para estabelecer uma Polônia independente, forte e democrática” (Grechko 1985, 64). O ressurgimento das forças armadas não é atribuído ao AK (unidades de combatentes regulares e irregulares sob controle dos exilados em Londres), mas sim à fusão do Armia Ludowa com o 1º Exército polonês num único exército, o

¹² “Enquanto o POP prosseguia defendendo a idéia da luta armada ativa contra o invasor, o Governo polonês exilado em Londres e seus representantes na Polônia ocupada recorreram à tática da procrastinação passiva – “resistência com as armas no chão”. A Armia Krajowa, uma organização militar conspiradora subordinada ao Governo no exílio, recebeu também ordens estritas para aderir a esta tática. Tal tática, desenvolvida na esperança de que a Polônia fosse libertada pelos aliados ocidentais, pretendia preservar a Armia Krajowa para que ela tivesse forças para trazer o Governo burguês reacionário de volta ao poder no país. Mas as forças patrióticas polonesas não pretendiam esperar passivamente enquanto o Exército soviético combatia o invasor nazista, e destacamentos da Armia Krajowa e guerrilheiros poloneses passaram a cooperar com frequência cada vez maior com a Gwardia Ludowa. Muitos oficiais e soldados soviéticos que haviam fugido de campos de prisioneiros de guerra também participaram ativamente da luta armada dos patriotas polacos. Um destacamento comandado pelo Primeiro-Tenente F.N. Kovalev foi um dos primeiros a se unirem à Gwardia Ludowa” (Grechko 1985, 54-55). Por direito e por lei o poder pertenceria aos pró-soviéticos e não aos pró-ingleses, que sequer deteriam o controle certo do AK.

¹³ “O desejo das massas polonesas de iniciarem a luta armada pela libertação social e nacional e as vitórias decisivas do Exército soviético sobre os alemães forçaram o Governo polonês no exílio a renunciar a sua política temporizadora. Obedecendo às suas instruções, o Quartel-General Central da Armia Krajowa elaborou um plano conhecido como “Tempestade”, que previa uma série de golpes sobre as forças alemãs em retirada, capacitando assim os representantes do Governo polonês em Londres a estabelecerem o controle sobre certas regiões do país logo após a chegada das tropas soviéticas – ou seja, a tomarem o poder”; “O Governo polonês no exílio em Londres baseava sua política no anti-sovietismo, e em sua atividade contra as forças progressistas polonesas e contra a União Soviética, apoiavam-se os círculos dominantes ingleses e norte-americanos, que desejavam restabelecer a antiga ordem burguesa e reacionária na Polônia e assim manter o país sob sua influência. Tentaram por todos os meios convencer a União Soviética a reconhecer o Governo polonês no exílio, e defenderem as pretensões deste último às áreas ocidentais da Bielo-Rússia e da Ucrânia. Entretanto, o Governo soviético considerou que só o desenvolvimento democrático da Polônia poderia resolver a questão polaca”; “A participação do 1º Exército polonês em batalhas no território da Polônia enfatizou o fato de que na libertação de que na libertação da Polônia, enquanto Estado soberano, suas próprias forças tiveram um papel bem definido, atuando em íntima cooperação com o Exército soviético. A entrada do Exército soviético e do 1º Exército polonês na Polônia e seu avanço em direção ao Vístula despertou grande entusiasmo no povo polonês. A população das regiões libertadas recebeu calorosamente o Exército soviético e as tropas polonesas e expressou a eles sua profunda gratidão. Os patriotas poloneses ajudaram ativamente as tropas soviéticas” (Grechko 1985, 55; 57; 62-63) e não o AK. Coube ao CPLN (e não aos londrinos) “o renascimento de uma Polônia forte e independente”.

¹⁴ Grechko menciona que soviéticos compunham 85% de duas das cinco brigadas polonesas formadas em 1944 na região de Kielce, além da ação de 7 grandes formações e 26 destacamentos independentes de partisanos soviéticos operando no leste da Polónia (Grechko 1985, 56). Da mesma forma, a escolha do então Coronel-General Nikolai Bulganin, figura de relevo e membro do Stavka (alto-comando soviético), futuro ministro da Defesa e presidente da URSS, para ser o representante soviético para o CPLN (e que para os ocidentais significaria o controle de perto do Kremlin sobre os fantoches locais) é vista como sinal da importância da nova aliança forjada (Grechko 1985, 65).

Wojsko Polskie, em 21 de julho: “pela primeira vez na história da Polônia, suas forças armadas seriam o baluarte dos trabalhadores”. Vários trechos são uma negativa da ingerência soviética na administração, fronteiras, forças armadas, economia, política nacional ou das localidades libertadas. Ao contrário dos aliados ocidentais.

Os Governos inglês e norte-americano abordaram a questão polaca de um ângulo completamente diferente. Aumentaram seu apoio ao Governo polonês no exílio, a despeito do fato de ele estar isolado e não expressar os interesses e aspirações do povo polonês, além de ter sido incapaz de unir-se às forças democráticas que apoiavam as políticas doméstica e externa do CPLN (Grechko 1985, 56).

Tal governo, ilegítimo por seu elitismo, antissovietismo, se recusar a lutar e permanecer distante do país, não poderia conceber uma operação militar que correspondesse à realidade do momento, às forças do inimigo, à dos aliados e à própria, pondo a perder a população, os soviéticos e o próprio AK¹⁵. Se havia unidades em Praga, o flanco direito estava a 150 quilômetros de distância. As duas alternativas do Stavka, abrir caminho imediato para defender o flanco ou permanecer sob ameaça, não eram uma possibilidade diante dos reforços e do contra-ataque

¹⁵ “Não dando importância à situação na frente de batalha e sem informar o comando soviético, condenando, assim, o levante ao fracasso. Os primeiros 30.000 insurgentes a entrarem em ação tinham apenas 1.000 fuzis, 300 submetralhadoras, 67 metralhadoras, 1.700 pistolas e munição para apenas dois ou três dias. Por seis semanas, os líderes do levante não quiseram contactar o Comando soviético, e só o fizeram no meio de setembro, depois da libertação de Praga. Os elementos reacionários planejavam assumir o controle de Varsóvia antes da chegada das tropas soviéticas e estabelecer o poder do governo no exílio na capital. Quanto aos planos de seus organizadores e sua substância política, o levante era de caráter anti-soviético e buscava evitar a vitória do governo popular na Polônia. O Governo soviético, que soube do levante depois que ele já começara, declarou que a ação em Varsóvia era um jogo imprudente e temerário, que custaria um alto preço à população. Este, afirmou, não seria o caso se os quartéis-generais soviéticos tivessem sido informados com antecedência da ação em Varsóvia e se os poloneses tivessem mantido contato com eles. Com as coisas como estavam, o Comando soviético teve de declarar-se dissociado da aventura de Varsóvia. Cegos pelo ódio de classe, os reacionários não avaliaram a situação militar e convocaram o povo quase desarmado a lutar contra divisões de tanques, artilharia e força aérea alemãs. E mesmo assim o levante foi uma centelha que incendiou os corações da população de Varsóvia. Destacamentos da Armia Ludowa e muitos voluntários uniram-se aos insurgentes. O levante foi apoiado pelo povo, que acreditava que sua liderança havia combinado suas ações com o Exército soviético. A despeito das condições desfavoráveis, os combates duraram 63 dias” (Grechko 1985, 66).

alemães¹⁶, o que não impediu a URSS de se engajar, sem efetividade¹⁷. A contrapartida dos londrinos fora a traição.

Com exceção da *Istoria Velikoi Otecestvennoi Voiny Soiuza*, publicada entre 1960 e 1965, todas as publicações soviéticas utilizadas foram traduzidas para o espanhol ou o português para a distribuição nos ainda países que empregam essas línguas¹⁸. As editoras soviéticas publicavam a partir de Moscou em outras línguas, como inglês, francês, alemão, etc., como forma de sua versão chegar aos simpatizantes e curiosos fora da Cortina de Ferro. O que reforça o caráter reativo¹⁹ da

¹⁶ “Nas duas primeiras semanas de setembro de 1944, só pequenas forças da 2ª e da 1ª Frentes Bielo-Russas ainda mantinha operações ofensivas locais na Polônia, no curso das quais tomaram uma cabeça-de-ponte no Narew em Rozan e Serock e capturaram Praga, um subúrbio de Varsóvia na margem oriental do Vístula. O Comando alemão defendera Praga tenazmente, encarando-o como base para um ataque na direção sul contra o flanco leste e a retaguarda da 1ª Frente Bielo-Russa. Esta cabeça-de-ponte inimiga constituía uma ameaça constante à Frente, e impedia o desdobramento das tropas para um ataque contra Varsóvia que poderia ser de muita ajuda à sua população que, a 1º de agosto, se levantara em armas contra os alemães” (Grechko 1985, 62). Sobre o desgaste soviético, menciona que apenas durante aquele verão, morreram 97 mil soviéticos em território polonês e 340 mil foram feridos. “Na maioria das divisões de infantaria havia duas companhias por cada batalhão, e algumas companhias não tinham mais de 25 ou 30 homens. O redesdobramento da força aérea em novas bases reduziu sua atividade. De 18 a 20 de julho, os aviões da 1ª Frente Bielo-Russa fizeram 9.000 sortidas, ou seja, 3.000 por dia, enquanto de 1 a 13 de agosto fizeram apenas 3.170 sortidas, ou seja, 240 por dia. No início de agosto as tropas soviéticas estavam a 500 quilômetros de suas bases de suprimento. Havia dias em que a falta de combustível impedia os corpos blindados de participarem na luta” (Grechko 1985, 63; 67).

¹⁷ “O 1º Exército polonês começou a cruzar o Vístula para ajudar os insurgentes em Varsóvia na noite de 15 de setembro, logo que o subúrbio oriental de Praga foi libertado [...]. As tropas soviéticas foram vítimas de verdadeira traição. Deveriam aportar em pontos mantidos pelos insurgentes. Mas no último minuto os líderes do levante recolheram seus homens à cidade e aqueles pontos foram retomados pelos alemães [...]. Logo que se estabeleceu contato com os insurgentes, o Comando soviético começou a prestar-lhes toda a assistência possível. De 14 de setembro a 1º de outubro de 1944, aviões soviéticos lançaram de pára-quadras 156 morteiros, 505 bazucas, 2.667 fuzis e metralhadoras, 41.780 granadas, 3.000.000 cartuchos de munição, 113 toneladas de rações e 500 quilos de remédios para os insurgentes. Em 21 de setembro a situação nas cabeças-de-ponte piorou a tal ponto que o Comando da Frente teve de evacuar as unidades do 1º Exército polonês que haviam cruzado o Vístula em Varsóvia. Grupos de insurgentes e civis também foram evacuados. O Comando da Armia Krajowa recusou-se a unir-se às tropas polonesas e ao Exército soviético e rendeu-se a 2 de outubro, entregando o destino dos insurgentes que haviam sobrevivido nas mãos dos nazistas. O povo polonês pagou um preço alto pelo aventureirismo dos reacionários poloneses. As baixas dos insurgentes atingiram 22.000 vidas, o 1º Exército polonês perdeu 5.600 soldados e oficiais e as baixas entre a população civil da capital chegaram a 180.000 vidas” (Grechko 1985, 67). “As medidas progressistas efetivadas pelo Governo popular desagradaram bastante os círculos dominantes dos Estados Unidos e da Inglaterra. Os reacionários poloneses, particularmente irritados com a cooperação frutífera e as relações amistosas entre a União Soviética e a Polónia, tentaram solapar por dentro o jovem Estado democrático, recorrendo ao terror contra os líderes e ativistas do Partido Operário Polonês e de outros partidos do bloco democrático. O Governo polonês no exílio e seus agentes na Polónia centraram sua atividade em provocar uma guerra civil nas áreas libertadas do país. Mas a presença do Exército soviético, que ajudava de todas as formas possíveis o novo Governo democrático da Polónia, frustrou estes planos” (Grechko 1985, 70), ao contornar a sabotagem, coações e deserções no novo Exército polonês.

¹⁸ Esses livros poderiam ser importados por pedidos feitos a jornais comunistas, como *Novos Rumos* e *Voz operária*, que promoviam tais livros em suas páginas, como os das editoras moscovitas Nauka (Conhecimento), Progreso/Progresso e Ediciones en Lenguas Extranjeras. Também existiam editoras nacionais ligadas ao partido comunista ou que reproduziam material comunista, como as fluminenses Livraria Ciência e Paz, Revan e Editorial Vitória. Após a Revolução dos Cravos outra opção era a lisboeta Editorial “Avante”. Outras editoras, como a portenha Partenon e a Zig-Zag de Santiago (uma das maiores do Chile) produziam segundo oportunidades de mercado. Mesmo a Bibliex, do Exército Brasileiro, recentemente (2015) lançou as memórias de Zhukov, por razões do perfil da editora, militar, e de demanda.

¹⁹ Por exemplo, na passagem: “os escudeiros da ‘guerra fria’ tem afirmado repetidamente que supostamente o comando soviético parou deliberadamente suas tropas nos limites de Varsóvia e, assim, condenou” os rebeldes poloneses (Pospelov 1962, 243).

historiografia levantada. Porém, mesmo na versão em russo da *Istoria*, destinada ao público interno, apresenta-se fortemente a mesma preocupação em citar brevemente para em seguida negar (ou mesmo inverter) as acusações ocidentais.

Historiadores ocidentais

O relato de Churchill, em seus seis volumes de *A Segunda Guerra Mundial*, escritos entre 1948-53 (o que lhe garantiu o Nobel de Literatura de 1953 – o segundo historiador a ganhá-lo, após Theodor Mommsen, em 1902), acabou por tornar um modelo fundador para parte da historiografia²⁰:

A partir de 14 setembro, a Força Aérea soviética passou a lançar suprimentos; mas poucos dos paraquedas se abriram e muitos dos pacotes se esfacelaram, tornando-se inúteis. No dia seguinte, os russos ocuparam o subúrbio de Praga, mas não foram adiante. Queriam ver os poloneses não comunistas destruídos até o fim, mas, ao mesmo tempo, manter viva a ideia de que estavam indo em seu socorro [...]. Um destino aterrador abateu-se sobre a população. Muitos foram deportados pelos alemães. Os apelos do general Bor ao comandante soviético, marechal Rokossovsky, ficaram sem resposta. A fome imperou [...].

Quando os russos entraram na cidade, três meses depois, encontraram pouco mais do que ruas destroçadas e mortos insepultos. Foi essa a sua libertação da Polônia, onde hoje eles governam. Mas esse não pode ser o fim da história (Churchill 1995, 969-970).

Os exércitos soviéticos chegaram até os arredores de Varsóvia e empacaram à espera da destruição da liberdade polonesa pelos nazistas, de acordo com o plano de Stalin de substituir um regime opressor por outro, sem encontrar oposição, eliminada de antemão pelos alemães na capital. Os aviões anglo-americanos foram proibidos de usar os aeroportos soviéticos, impossibilitando o socorro aos combatentes²¹. Stalin traía seus aliados em virtude de seus sonhos (russos e comunistas) de conquista global. A narrativa ainda contou com desdobramentos: os soviéticos primeiro estimularam a revolta ao assegurar sua presença e conclamar a luta na cidade, para, assim que estourasse, abandonar os poloneses à própria sorte e à destruição certa, seguida da tirania

²⁰ Para a transformação das relações amistosas de Churchill com os soviéticos – que previam a definição de áreas de influências recíprocas sendo a Polônia esfera soviética, garantida pela posterior declaração de guerra ao Japão (o que permitiria ao Império Britânico reaver suas colônias orientais com maior facilidade) e a busca pela amenização do poder soviético na Polônia – no discurso historiográfico de má fé de Stalin, bem como a passagem da acusação da causa das poucas tensões entre as duas potências passar de figuras secundárias soviéticas (como o chanceler Molotov) para responsabilidade plena do próprio Stalin, ver o trabalho de Reynolds (2005, 438-480), que demonstra o poder de fixação do discurso histórico por parte do então ex-primeiro ministro britânico. O autor também comenta as mudanças enviadas por Churchill para seu editor inseri-las no texto das *Memórias* com o crescente mal-estar inglês com o governo polonês pró-soviético em 1948 (Reynolds 2005, 138-139).

²¹ O fechamento dos aeroportos soviéticos não pode ser considerado de maneira séria como parte do jogo político de Stalin contra o governo polonês de Londres. Constituía, na realidade, o padrão soviético, cioso de informações sobre seu território. Os americanos também não conseguiram liberar aeroportos soviéticos para a investida de Doolittle sobre Tóquio em 18 de abril de 1942. Os B-25 precisaram atravessar a China ocupada para aterrissar. O aparelho que desceu em Vladivostok, sem permissão, foi confiscado pelos soviéticos e a tripulação internada por um ano (Chun 2006, 83). Após negociar transferência de tecnologia (a mira Norden para bombardeiros), os americanos obtiveram a base de Poltava, na Ucrânia, para abastecer seus aviões. No entanto, não a utilizaram para suprir Varsóvia (Davies 2005).

comunista e da perseguição, encarceramento e morte²² dos membros da resistência (Deschner 1975) ou quaisquer pessoas suspeitas aos olhos do novo regime (Davies 2006).

A oportunidade para o levante teria sido adequadamente analisada pelo comandante do Armia Krajowa (ou AK, Exército Interno), Bór-Komorowski (Churchill 1995, 963). Afirmção que isenta o próprio Churchill tanto da deflagração do conflito quanto da real fraqueza em que se encontraram os combatentes. Sobre os líderes políticos e militares do Armia Ludowa (ou AL, Exército do Povo), do Polska Partia Robotnicza (ou PPR, Partido dos Trabalhadores Poloneses) e do Krajowa Rada Narodowa (ou KRN, Concelho Nacional de Estado, ou ainda, Governo de Lublin), afirmava que “logo se evidenciou que os poloneses de Lublin eram meros títeres da Rússia. Haviam aprendido e ensaiado tão cuidadosamente seu papel que até seus mestres sentiam, visivelmente, que eles estavam exagerando” sobre a aceitação de Lublin da transferência de Lvov para a URSS. “Olhei para Stalin e vi um brilho sagaz em seu olhar expressivo, como se ele dissesse: ‘Que tal isso como mostra de nossos ensinamentos soviéticos?’”. No entanto, reconhece que o próprio governo polonês exilado em Londres foi responsável em parte pelo fracasso nas negociações sobre a Polônia do pós-guerra: “Stalin era contrário à tentativa de formar um governo polonês unificado sem que se chegasse a um acordo sobre a questão da fronteira. Caso ela fosse resolvida, ele estaria perfeitamente disposto a aceitar que Mikolajczyk chefiasse o novo governo”. Porém Lublin e URSS, de um lado, e o governo polonês em Londres, de outro, negaram-se a fazer quaisquer concessões (Churchill 1995, 1009-1010). O primeiro-ministro inglês também é responsável por uma das descrições mais vívidas da luta em Varsóvia²³.

Os telégrafos Churchill-Stalin evidenciariam uma “resposta rápida e sombria” por parte dos soviéticos. O primeiro-ministro lembra seu compromisso diante dos rebelados, ao ordenar o lançamento de suprimentos por via aérea, a partir da base aérea britânica em Brindisi, na Apúlia: dois aviões ingleses em 4 de agosto e três aviões em 8 de agosto (Churchill 1995, 965). A intenção

²² É o caso do relatório de Beria para Molotov de 24 de novembro de 1945, que costuma ser citado em obras escritas após a abertura dos arquivos soviéticos: “Em 20 de outubro, os campos da NKVD detinham 27.010 cidadãos poloneses presos e internados em território polonês durante o período 1944-45, no curso da operação de limpeza realizada na retaguarda do Exército Vermelho em operações. De acordo com as instruções do Camarada Stalin, 12.289 deles deverão ser libertados e retornar à Polônia. O restante, pelo final deste ano. Um certo número dos detidos por espionagem e sabotagem continuará preso” (Volkogonov 2004, 375). Beevor (2015, 679) afirma que Stalin “mentiu para os Aliados dizendo que [o AK] haviam matado 200 homens do Exército Vermelho”, como forma de justificar a repressão ao AK, apesar de outros autores afirmarem o embate entre ambas as forças na fronteira leste.

²³ “A batalha também campeava, literalmente, no subsolo. O único meio de comunicação entre os diferentes setores defendidos pelos poloneses era a rede de esgotos. Os alemães atiravam granadas de mão e bombas de gás pelos bueiros e postigos de inspeção. Havia batalhas em plena escuridão entre homens mergulhados no excremento até a cintura, às vezes lutando corpo a corpo ou munidos de facas, ou afogando seus oponentes no lodo (Churchill 1995, 968). A batalha também campeava, literalmente, no subsolo. O único meio de comunicação entre os diferentes setores defendidos pelos poloneses era a rede de esgotos. Os alemães atiravam granadas de mão e bombas de gás pelos bueiros e postigos de inspeção. Havia batalhas em plena escuridão entre homens mergulhados no excremento até a cintura, às vezes lutando corpo a corpo ou munidos de facas, ou afogando seus oponentes no lodo” (Churchill 1995, 968).

de Churchill, diante de membros do governo inglês, seria a de lançar ajuda em Varsóvia e aterrissar à força na URSS. Caso as tripulações inglesas fossem maltratadas em território soviético, os comboios do *lend-lease* deveriam ser suspensos. Porém diante do esforço de guerra, eram necessárias “concessões terríveis e até mesmo humilhantes em nome do objetivo global. Assim, não propus essa medida drástica” que poderia ter vingado “com homens do Kremlin que eram regidos pelo calculismo, e não pela emoção” (Churchill 1995, 965-968).

A historiografia oficial soviética

Se no Ocidente a historiografia tomou por base a narrativa de Churchill, na URSS foram os discursos e pronunciamentos emitidos pelos líderes enquanto o conflito se processava é que exerceram esse papel. Com as idas e vindas em torno da figura de Stalin e de seu círculo, em alguns momentos esses documentos recebem a referência de seus autores. Em outros, os indivíduos são substituídos pelo cargo que ocupavam, pelo órgão de poder que representavam, ou simplesmente são suprimidos pelo “partido” e pelo “governo” soviéticos. A preocupação com a crítica à historiografia ocidental e sua negação, bem como a afirmação do papel e do desempenho soviéticos – ou impecável ou com problemas circunstanciais e mais do que desculpáveis e necessários – continuou a nortear a historiografia oficial soviética nas reiteradas versões da *Istoria* (1960-65; 1970; 1984), produzidas concomitantemente à ascensão de novos governos ao Kremlin. Stalin, em seu *A Grande Guerra Pátria da União Soviética*, de fevereiro de 1945, suprimiu referências ao evento, preferindo citar a extensão do avanço soviético ante os alemães²⁴.

Os volumes Quatro e Cinco da *Istoria* que tratam da batalha por Varsóvia foram escritos, respectivamente, em 1962 e 1965. A Era Krushev não modificou apenas o sistema político soviético, com o retorno da liderança coletiva e das tendências centrífugas, resultando em uma nova história soviética (traduzida na *História do Partido Comunista da União Soviética*, de 1962). As relações diplomáticas com os satélites e vizinhos foram igualmente modificadas, com a aproximação com a Iugoslávia Titoísta, um ensaio fracassado com a China e um relaxamento em todo o Leste Europeu. No entanto, a história das relações soviéticas com os países libertados pelo Exército Vermelho não sofreu alterações, ao contrário da própria história soviética.

Segundo a *Istoria*, o interesse do comando soviético ao se acercar de Varsóvia era reduzir a linha de frente: de 4400 quilômetros para 2200 quilômetros. Assim, Varsóvia nunca foi um

²⁴ “En la campaña de verano de 1944, el Ejército Rojo avanzó en combate desde Kishinev hasta Belgrado más de 900 kilómetros, desde Zhlobin hasta Varsovia más de 600 kilómetros, desde Vitebski hasta Tilsit 550 kilómetros. La guerra ha sido trasladada ahora al territorio de la Alemania fascista” (Stalin 1946, 126). O livro foi publicado como comemoração dos 27 anos do Exército Vermelho. Termina com as instruções dadas por Stalin para os festejos, de 28 de fevereiro de 1945. A guerra duraria mais dois meses.

objetivo em si²⁵. Apenas estava no caminho para o encurtamento das linhas (Pospelov 1962, 26). Mesmo no começo de janeiro de 1945, algumas das melhores unidades alemãs ainda protegiam Varsóvia e seus arredores, dificultando o avanço soviético, vitoriosos apenas em decorrência da tática dos generais do Exército Vermelho²⁶. A derrota alemã em Varsóvia, a 17 de janeiro de 1945, teria sido uma surpresa tão grande que os comandantes locais sofreram a ira de Hitler: “o comandante do Grupo de Exércitos “A”, o coronel-general I. Harpe, acusado no acidente no Vístula, foi substituído pelo coronel-geral F. Schemer, e o comandante do 9º exército alemão, general S. Lyutvits, pelo general de infantaria T. Busse” (Pospelov 1965, 77). Apesar dos esforços soviéticos, os nazistas teriam destruído a cidade²⁷. Enumerar as tropas inimigas na região rebatia a afirmação frequente na historiografia ocidental de que Varsóvia estava pouco protegida. Se esta procura ressaltar a resistência polonesa como essencialmente pró-Londres e vinculada ao AK, a historiografia soviética afirma o contrário, ligando-a ao partido comunista local e mesmo a ações coordenadas com partisans soviéticos e o Exército Vermelho²⁸, sem jamais citar o número de

²⁵ A posse das capitais era um elemento político importante na estratégia militar tanto dos aliados quanto dos soviéticos. Estes se esforçaram para conquistar Viena e reconheceram a rendição alemã apenas no dia seguinte a rendição em Reims. Oficialmente, para que esta fosse assinada diante de todos os representantes da aliança – a rendição em Reims não contou com os soviéticos. Porém, ao reconhecer o fim da guerra na Europa no dia 9, os soviéticos puderam terminar sua conquista de Praga. Já os ingleses começaram sua ocupação da Grécia por Atenas. Para ver o jogo político entre americanos, ingleses, e os diferentes grupos franceses em torno da libertação de Paris, ver Beevor (2015, 681-684).

²⁶ “Na Polônia ocupada, ao sul de Varsóvia, estavam na defensiva no dia 9 [janeiro de 1945], 4 Exército de Tanques e as principais forças do 17º Exército Nazi, do grupo de exércitos “A”, comandado pelo coronel-general Harpe. O grupo de reserva eram o 40º e o 24º corpo de tanques, que foram colocados contra as cabeças de ponte de Magnuszewsky e Sandomierz. No total, os três exércitos, tendo em conta a reserva, atingiam 30 divisões (incluindo 4 blindadas e 2 de infantaria) e 2 brigadas” (Pospelov 1965, 55).

²⁷ “A cidade libertada era uma visão horrível. A antes florescente Varsóvia, uma das mais belas capitais europeias, já não existia. Os invasores fascistas alemães com ferocidade sem precedentes destruíram e saquearam a capital polaca. Com a retirada apressada, os nazistas incendiaram tudo o que poderia queimar. Uma única casa, que abrigava a Gestapo, permaneceu de pé na rua Schuch. A área da Cidadela foi fortemente minada. Os vândalos fascistas destruíram todas as instalações médicas e educacionais, uma rica propriedade científica e cultural foi destruída, como a Catedral de S. João na Stare Miasto - a maior catedral de Varsóvia, o Palácio Real na Praça do Castelo, o edifício do Ministério do Interior, a principal estação de correios na Praça de Napoleão, a Câmara Municipal, foi fortemente danificado o Palácio Stashytsa, que abrigava muitas instituições científicas em Varsóvia, o Museu Nacional, Belvedere, a construção de estações dos correios, o Palácio Krasinski, o Teatro, os nazistas destruíram muitas igrejas [...]. A cidade foi bombardeada e quase todos os monumentos da história e da cultura do povo polonês sofreram danos enormes pelo inimigo, incluindo os monumentos à Copérnico, Chopin, Mickiewicz, ao soldado desconhecido, a coluna do rei Sigismundo, parques e praças da cidade [...]. Os nazistas destruíram os principais serviços públicos da capital, explodiram uma estação de energia, pontes, todas as fábricas de equipamentos mais valiosos. Destruindo Varsóvia, os nazistas procuraram [...] insultar os sentimentos nacionais dos poloneses” (Pospelov 1965, 77-78).

²⁸ “Durante a preparação da 1ª Frente Ucraniana, uma nova ofensiva dos guerrilheiros ucranianos em estreita cooperação com os guerrilheiros poloneses realizou operações de combate contra as comunicações inimigas. Em Maio-Junho, guerrilheiros soviéticos e poloneses incapacitaram por quase um mês as ferrovias Lvov-Varsóvia, Rava-Rússia-Yaroslav e destruiu 13 grandes guarnições inimigas [...]. Os guerrilheiros estavam operando sob a liderança de organizações partidárias e estavam intimamente associados com o povo. Nas condições difíceis do regime de ocupação, os trabalhadores ajudaram os partisans a lutar contra o inimigo” e a possibilitar a investida profunda que o Exército Vermelho lançaria em breve. As ações guerrilheiras, sempre atribuídas ao PPR e ao AL, são realçadas tanto no período anterior ao levante na capital, como no posterior, contribuindo para a libertação polonesa levada a cabo pelas tropas soviéticas: “No verão e no outono de 1944, se fortaleceu o movimento de guerrilha nas regiões ocidentais da Polônia.

membros do partido polonês²⁹. Se a resistência dos comunistas poloneses passa despercebida entre os autores do Ocidente, os soviéticos repetem as afirmações do governo moscovita ainda durante as operações na Polônia. O AK, ao se negar a lutar pela via da guerrilha ou do terrorismo, perceberia como inimigos não os alemães, mas sim a URSS e as forças progressistas polonesas. Sua inação, por si só condenável, ocultava o propósito de guardar energias para o combate armado contra o Exército Vermelho e as organizações dos trabalhadores poloneses, em especial o PPR. Além de pôr em dúvida a real existência e legitimidade de um “governo secreto” polonês pró-Inglaterra oculto na Polônia ocupada.

A *Istortria* afirma que a decisão do AK, ou Home Army³⁰, de promover um levante na capital se deu apenas após a constituição do governo de Lublin, pró-soviético e operário. Como a decisão foi tomada apenas em 24 de julho, foi impossível organizar uma rebelião que fosse capaz de derrotar os alemães. O levante deveria ter início ao menos 13 horas antes da entrada dos soviéticos em Varsóvia. O governo no exílio em Londres teria aprovado o plano no dia 25³¹. Um relatório de Bór-Komorowski de 14 de julho revelaria o real interesse no levante do AK³². A rebelião e a chegada do primeiro-ministro do governo londrino, Stanislaw Mikołajczyk, à Moscou, foram concomitantes. O que significaria uma tentativa de se impor diante do governo de Lublin e da

Nas províncias de Cracóvia e Kielce, no distrito de Plock, perto de Radomska (distrito de Częstochowa), novas equipes foram formadas pelo Exército do Povo” (Pospelov 1962, 205;249).

²⁹ Quando cita números, relaciona apenas os poloneses que aderiram ao Exército Popular Polonês, LWP, também chamado Exército Polonês na URSS (considerado pela *Istortria* como criação do PPR e do KRN), e não aos membros efetivos do PPR na Polônia. No terceiro trimestre de 1944 o Exército Popular atingiu os 150 mil homens e no fim do mesmo ano, 286 mil, com 10 mil jovens trabalhadores na escola de oficiais e a adesão de 500 membros do PPR. A URSS forneceu 700 mil fuzis e metralhadoras, 3.500 canhões, 1.000 tanques, 1.200 aviões, mais de 1.800 veículos. O exército polonês era formado por 10 divisões de infantaria, uma Brigada de Cavalaria, um corpo de tanques, duas brigadas de tanques independentes, 12 de artilharia e uma brigada de morteiros, 3 divisões de artilharia antiaérea, 5 equipes de engenheiros-sapadores, 4 divisões de aeronaves (Pospelov 1962, 241). Beevor (2015, 677) fala que “em Varsóvia, os comunistas eram apenas quatrocentos, porém, se tomassem a prefeitura e içassem a bandeira vermelha quando o Exército Vermelho entrasse na cidade, alegrariam ser os líderes da Polónia”. Forczyk (2009, 25) afirma que o 1º Exército Polonês foi reforçado com a conscrição forçada de combatentes do AK.

³⁰ Surgiram diferentes traduções para o nome das tropas do governo no exílio londrino, como Exército Territorial. Davies (2005) afirma que uma versão possível seria a de Exército da Pátria, e que Exército Interno ou Exército Clandestino possibilitaria aos soviéticos dissociar o AK de suas bases nacionais para em seguida nominá-lo como Exército Ilegal.

³¹ Davies (2005, 252) apresenta um quadro mais complexo. Eram elaborados planos desde 1940. As transformações estratégicas forçavam sua constante recriação: em 1940 previa-se um levante local seguido do desembarque dos poloneses livres em aviões ingleses; em 1943 esperava-se um avanço conjunto das forças polonesas livres e inglesas através da Itália, Hungria e Polónia, cercando os soviéticos, conforme os planos de Churchill; por fim, o levante de leste para oeste para impedir o avanço soviético e mesmo uma variante na qual não haveria levante e o AK permaneceria oculto a espera de novas orientações numa Polónia soviética. O governo exilado e Churchill não se entendiam, apesar da promessa de auxílio inglês, e Londres foi informada coerentemente da eclosão da rebelião apenas no terceiro dia da luta.

³² “Os reacionários poloneses declararam abertamente e cinicamente que o objetivo da rebelião não era prestar assistência real para o Exército Vermelho, mas sim criar um obstáculo para a sua libertação da Polónia, portanto impedir a oportunidade de ajuda para os trabalhadores na construção de um estado novo, democrático. Eles esperavam que através da captura da capital, seriam capazes de estabelecer a sua autoridade e prevenir o sistema democrático popular no país” (Pospelov 1962, 242).

URSS nas discussões sobre a composição mista (entre Londres e Lublin) do novo governo polonês (o que parece entrar em conflito com as afirmações anteriores: se o levante deu-se de maneira tão incerta e urgente, como poderia coincidir com uma reunião agendada?). Mikołajczyk teria exigido que 80% das cadeiras do novo governo pertencessem ao governo londrino e que a “constituição fascista”³³ de 1935 fosse restabelecida.

A urgência do comando do levante não levou em consideração a falta de armas³⁴ e uma organização mínima³⁵. A *Istoria* não nega o engajamento popular no conflito. Pelo contrário, o

³³ A Constituição de 1935 serviu de base para a “polaca”, a Constituição de 1937 por meio da qual Vargas instituiu o Estado Novo. Permitiu o expurgo e prisão de opositores e o monopólio do poder pelo grupo político que se formou em torno do ditador e marechal Józef Piłsudski, conhecido internamente como regime Sanacja, ou de saneamento, e no exterior, como regime dos coronéis (Schwartzman 1983).

³⁴ O AK possuiria 16 morteiros leves, dois morteiros pesados, 29 armas antitanque, 47 metralhadoras pesadas e 145 metralhadoras leves, 30 lança-chamas, 2.629 fuzis, 627 submetralhadoras, 406 granadas antitanque, 44 mil granadas e munição para três dias (Pospelov 1962, 242). Segundo Davies (2005, 370), as 19 entregas aéreas da RAF teriam provido o movimento com 250 lança-rojões PIAT, mil submetralhadoras *sten gun*, 19 mil granadas e dois milhões de cartuchos. Beevor (2015, 685) fala em apenas 2 lança-rojões PIAT lançados de paraquedas. Forczyk (2009, 23;24-25) aponta 21 PIAT dentro de Varsóvia. Até 1941 e a primavera de 1944 a RAF teria entregue 314 desses lança-rojões, além de 600 ton. de outras armas e munições – como 8.900 *sten guns*. Além de boa parte desse material nunca ter entrado na cidade devido à fiscalização, na primavera, após o confisco de 20% de suas armas quando a Gestapo encontrou um dos paíóis secretos, Bór-Komorowski redistribuiu o armamento pela zona rural e outras regiões da Polônia. Com a eclosão do levante, a unidade mais bem equipada do AK, o Batalhão Zaremba, possuía armados apenas 38% de seus homens. O autor lista outras fontes de armas do AK, como fábricas precárias e clandestinas ou mesmo oficiais alemães corruptos que as vendiam. Os uniformes, quando existentes, eram ainda mais precários, como a conjugação de peças do Exército Polonês anteriores à ocupação nazista com peças da Wehrmacht. Os oficiais do AK garantiam para si insígnias que, além de afirmar a hierarquia, os impediriam de serem classificados como bandidos por alemães e soviéticos, e assim serem tratados como combatentes, segundo a Convenção de Genebra (pelos alemães, que a assinaram).

³⁵ Vários grupos clandestinos do AK espalhados por Varsóvia e as florestas ao redor da capital sequer foram informados do levante ou receberam instruções. A falta de informação teria impedido a vitória do levante nas primeiras horas. Não se conseguiu tomar as estações de comunicação, qualquer uma das pontes sobre o Vístula (ainda segundo a *Istoria* imprescindíveis para que o auxílio do Exército Vermelho fosse possível), nem surpreender os alemães, que tiveram a oportunidade e o tempo para se reorganizarem. O fracasso do primeiro dia de luta teria demonstrado a alguns líderes do AK que o levante não poderia triunfar, e por isso deixaram Varsóvia para se internar nas florestas e campos ao redor da cidade (Pospelov 1962, 243). Deschner (1974, 40) aponta que o Serviço de Inteligência (não detalha se Abwehr ou SD) obteve os planos do QG de Bór-Komorowski e os entregou ao comando da *Wehrmacht* entre 11:30 e 12:00 horas do dia 1 de agosto. Assim, os alemães obtiveram no mínimo sete horas para se preparar contra a rebelião programada para as 17:00. Algumas unidades do AK foram informadas apenas às 16:00. Outras, sem coordenação, irromperam o combate entre 14:30 e 16:30, anulando o já escasso efeito-surpresa. O levante já era esperado quando as primeiras diretrizes e alertas foram emitidos no dia 25 de julho, e interceptados logo em seguida. O comando alemão contava com planos elaborados segundo uma análise da atuação do AK na Operação Burza – a primeira tentativa de rebelião de leste para oeste (segundo a fronteira do Tratado de Riga. Deveria se desencadear a partir de Lvov e Vilna, em seguida Bialystok, Lublin e por fim, Varsóvia) para barrar o avanço soviético, um mês antes, e que terminou com a derrota do AK frente aos alemães. Davies (2005, 272) afirma que em outras ocasiões, na antiga fronteira de 1939, como a libertação de Vilnius ou Kovel, o AK se viu desarmado e incorporado ao Exército de Berling, o 1º Exército Polonês na URSS, ou em conflito aberto com os soviéticos. Processo que se repetiria com frequência por todo o avanço na Polônia. Deschner (1974, 31-32; 49) lembra que quase todos os objetivos importantes programados – pontes, estradas, quartéis, QGs, não foram conquistados. Sequer um dos dois aeroportos da capital, que poderiam ser utilizados pelos ingleses para enviar suprimentos e tropas sem a necessidade de auxílio soviético. Um paiol de munição e o prédio mais alto da cidade foram exceções. Forczyk (2009, 34;25) aponta que apenas 20 mil dos 44 mil combatentes do AK foram informados do levante com antecipação. Apesar de planificar a ação por dois anos, a ação se deu de improviso. Não houve coordenação entre os combatentes dentro de Varsóvia e os dos campos ao redor. Com exceção de uns poucos rádios britânicos, alguns ramais no esgoto e o trabalho de mensageiro de crianças e mulheres, a dispersão e fragmentação das unidades de combate do AK impossibilitou qualquer contato, para ordens ou entrega de suprimentos.

louva. No entanto, afirma que o povo polonês não conhecia “os verdadeiros objetivos dos organizadores do levante”. Mesmo o AL foi enganado pelo AK, demonstrando “heroísmo e abnegação”, bem como as massas de Varsóvia. Estas, sem experiência de combate, se tornaram alvos fáceis para as veteranas tropas alemãs³⁶. “Nos dois primeiros dias perderam dois mil homens, enquanto os alemães durante 27 dias perderam apenas 3.860 soldados e oficiais” (Pospelov 1962, 243).

O movimento, condenado desde o princípio, demonstrou sinais de esgotamento claramente a partir da segunda quinzena de agosto. A *Istoria* cita o telegrama de Stalin a Churchill do dia 16 de agosto, sem mencionar seu nome. É substituído por “governo soviético”. A nova coligação de facções do Partido Comunista da União Soviética no poder na URSS, encabeçada por Krushev, condenou a Stalin e as facções dentro do PCUS que continuaram fiéis ao seu projeto ou memória. no entanto não alterou o significado histórico de sua diplomacia, agora atribuída ao caráter colegiado do poder soviético, estendido retroativamente à Lenin. O poder colegiado conheceu distorções provocadas pelo culto à personalidade e o poder personalista de Stalin. As passagens condenáveis são atribuídos aos erros do antigo secretário-geral e o que o novo governo considera ações adequadas, às virtudes do sistema político soviético e suas instituições. Assim pode repetir as mesmas palavras de Stalin, condenando o levante por ser “aventureiro”³⁷, uma “aposta imprudente”, “criminoso” por não ter sido avisado com antecipação para a construção de uma ação conjunta e coordenada com o Exército Vermelho, e, por ter sido informado oficialmente apenas dias após sua eclosão³⁸, não poderia tomar outra decisão que não a de “se dissociar da aventura de Varsóvia”. Logo em seguida, o governo reviu sua posição, não por pressão da imprensa e dos aliados ocidentais, mas porque “o governo soviético, vendo que o levante teve a participação

³⁶ Deschner (1974, 34) além de inventariar os 2 mil mortos do primeiro dia, aponta que constituíam 15% do efetivo do AK dentro de Varsóvia.

³⁷ Deschner (1974, 49) acusa o AK de desempenhar papel aventureiro não por motivos políticos, como a historiografia soviética, mas sim pelo amadorismo militar. Dividiu suas forças num sem número de objetivos simbólicos – poucos com expressão militar e estratégica, dissipando suas parcas forças em ações sangrentas e sem sentido.

³⁸ O Serviço de Inteligência inglês em Bletchley Park não decriptografou os confusos códigos emitidos por radioamadores do QG de Bór-Komorowski em Varsóvia antes da tarde do dia 2 de agosto. Até esse momento, a imprensa e o Gabinete de Guerra britânicos não teriam conhecimento da rebelião. Stalin receberia do NKVD relatórios baseados na ideologia do regime ou no que os burocratas pensavam que era o seu desejo ler. Assim, os informes eram o de que a maioria do movimento de resistência era comunista. O impacto de descobrir o contrário teria levado a decisão de sustar o avanço das tropas (Davies 2005, 36-47). No entanto, as unidades avançadas soviéticas que atingiram o Vístula e os subúrbios de Varsóvia no dia anterior já estavam – como todo o setor do Exército Vermelho – em franca retirada diante da contraofensiva alemã lançada no mesmo dia 2. Neste dia, Stalin ordenara a Rokossovsky deter o avanço até que as linhas fossem fortalecidas e a logística reorganizada. A Primeira Frente da Bielorrússia avançara ininterruptamente desde 22 de junho, com a deflagração da Operação Bagration, e atravessara a Bielorrússia e a Polónia desde Rogachev e o bolsão de Bobruisk (Werth 1966). Para que o modelo de Davies fosse possível, ter-se-ia que considerar que aquele mesmo serviço de inteligência falhou que criou relatórios falsos era, na verdade, mais rápido e preciso que o serviço inglês, em contato direto com o comando do AK.

de dezenas de milhares de patriotas em Varsóvia, e que a reação polaca, perseguindo seus estreitas e egoístas interesses de classe, os abandonando a uma morte certa, fez todo o possível para ajudar a reduzir o número de vítimas rebeldes” (Pospelov 1962, 243).

A 1ª e 2ª frentes da Bielorrússia atingiram a fronteira polonesa (segundo a Linha Curzon e não a fronteira do Tratado de Riga) na segunda quinzena de julho³⁹. O avanço em direção a Varsóvia se fazia cada vez mais lento e custoso em material e homens. A linha de suprimentos se estendia, o que ameaçava o Exército Vermelho numa contraofensiva alemã. O colapso do Grupo de Exércitos Centro incentivou o comando alemão a reorganizar suas tropas do outro lado do Vístula e a melhorar suas defesas. Tanques e caminhões enfrentavam desgaste e falta de combustível; as unidades de infantaria estavam desfalcadas e com pouca munição; a artilharia não conseguia se deslocar para a frente; os aeroportos conquistados ainda não estavam operacionais, os usados no início da Bagration estavam longe demais⁴⁰. Os próprios alemães reconheceriam que os soviéticos não possuíam condições de continuar a ofensiva⁴¹. Em 1 de agosto, a infantaria e tanques soviéticos atingiu Praga, o subúrbio operário de Varsóvia, do lado oriental do Vístula. No mesmo dia foram expulsos pelos panzers alemães. O recuo do Exército Vermelho teria ocorrido não pelo contra-ataque desferido pelos alemães, mas para reforçar suas linhas exatamente para evitar essa contraofensiva. Prudência, e não derrota⁴². O movimento de tropas a partir de Praga e

³⁹ A Operação Bagration, deflagrada a 22 de junho, avançou de 6 a 10 km por dia. No dia 18 de julho o rio Bug foi cruzado. A 28, a fortaleza de Brest-Litovsk, fronteira soviética de 1939, foi retomada. Em 22 Lublin foi libertada. A 29, o Vístula foi cruzado 100 km ao sul de Varsóvia, com o estabelecimento da cabeça de ponte de Sandomierz. Essa operação significou a destruição do Grupo de Exércitos Centro (Erickson 1983). A *Istoria* (Pospelov 1975, 319) lembra que na Bielorrússia o avanço foi de 500-600km, e ao sul, na direção Lvov-Sandomierz, 300 km, ao norte da Bielorrússia, no sul do Báltico, de 120 a 220 km.

⁴⁰ A *Istoria* indica que mesmo a superioridade aérea soviética fora comprometida: a 1ª Frente da Bielorrússia fez de 1 a 13 agosto 3170 incursões, os alemães, 3316 (Pospelov 1962, 244). Tchuikov afirma em Lublin a velocidade de avanço já havia diminuído tanto que a travessia de ribeirões era difícil, bem como que o ataque no Vístula empregou três vezes mais homens e cinco vezes mais artilharia e tanques do que possuíam os alemães (Tchuikov 1980, 20;47). Comentários sobre a superioridade numérica não são muito frequentes em obras soviéticas, que preferem destacar bom planejamento e destreza.

⁴¹ Davies (2005, 338) e Deschner (1974, 22) afirmam o contrário. A certeza de que Varsóvia seria conquistada pelos soviéticos assombrava os alemães, desmoralizados após a fuga dos remanescentes do derrotado 9º Exército através de Varsóvia para se reagrupar na retaguarda. No dia 26, a ordem do Governador de Varsóvia para que 100 mil poloneses se apresentassem para a construção de defesas da cidade, não foi obedecida. Entre 24 e 30 de agosto as tropas foram evacuadas de Varsóvia para participarem da reorganização da linha de defesa, restando na cidade 2 mil soldados. O governador Fisher fugiu. Forczyk (2009, 37) indica que não havia qualquer ordem para a conquista de Varsóvia. A ordem de Stalin de 27 de julho indicava que o 2º Exército de Tanques – sem o acompanhamento de infantaria – deveria se dirigir no sentido Varsóvia, para aprofundar os bolsões em torno de Brest-Litovsk e Siedlice e firmar uma cabeça de ponte ao norte, sobre o Narew, em Pultusk. Tchuikov (1980, 50) afirma que “o 8º exército da Guarda recebeu quatro ordens e em nenhuma delas figurava a missão da travessia do rio Vístula”. No dia seguinte a ordem era apenas a de atingir a margem do mesmo rio. Tchuikov e Rokossovsky aproveitaram festejos polacos, com piras acessas, para se vestirem de civis e fazerem o reconhecimento do Vístula, até o dia 29.

⁴² Por volta do dia 18 de agosto o Exército Vermelho havia sido repellido pelo 9º Exército alemão a meio caminho entre os rios Vístula e Bug Ocidental. Uma distância de Varsóvia de cerca de 80km. (Davies 2005). Segundo Beevor (2015, 680), Stalin reconheceu diante de Churchill que a contraofensiva alemã expulsara suas tropas e que a incapacidade de auxílio militar aos rebeldes era “em parte verdade”.

dos rios Bug e Narew durou agosto e o início de setembro. Incapaz de avançar, foi difícil manter as cabeças de ponte sobre o Vístula, ao sul. Enquanto isso, os alemães recebiam reforços⁴³. Ao contrário da historiografia ocidental, os soviéticos teriam combatido junto aos sublevados. Em 10 de setembro o 47º Exército da 1ª Frente Bielorrussa e uma divisão polonesa entraram em Praga, que foi liberada no dia 14. No dia 15, o 1º Exército Polonês fez a primeira tentativa de travessia do Vístula e de junção com o AK. Foi apoiado por artilharia, engenheiros, aviação e unidades anfíbias soviéticas (Pospelov 1962, 244-245).

A cabeça de ponte conquistada no dia 16 sofreu ataques constantes dos alemães nos dias subsequentes. No dia 21 a situação tornara-se insustentável e, para evitar o cerco, Berling (mencionado apenas como “comandante do 1º Exército Polonês”) evacuou suas tropas para o lado oriental do Vístula. A retirada durou até o dia 23, sofrendo pesadas baixas. Além de operações militares diretas, o auxílio ao levante se deu por via aérea⁴⁴. “Muitos milhares de soldados soviéticos deram suas vidas pela libertação do povo polonês”⁴⁵. Todo esse esforço perdeu-se pois o AK “abandonou a ação conjunta com o Exército Soviético e as tropas polonesas [do LWP]”, negando-se a discutir a coordenação entre as diferentes forças, alegando que “o representante soviético não teria autoridade para conduzir negociações políticas”. A recusa de Bór-Komorowski cindiu o AK. Várias unidades debandaram e o conde assinou a rendição diante dos alemães (Pospelov 1962, 246). “A Revolta de Varsóvia foi, por um lado, heróica luta abnegada dos rebeldes com os invasores, e, por outro, um ato de política anti-soviética criminosa do governo Mikolajczyk e os

⁴³ Duas divisões blindadas, cinco de infantaria e quatro brigadas motorizadas (Pospelov 1962, 244). Guderian recebeu o Comando Supremo da Frente Oriental em 21 de julho e deslocou a Divisão Blindada de Paraquedistas Hermann Göring e a Divisão Panzergrenadier SS Wiking (Deuschner 1974, 22), além do regimento Dirlwanger e a Brigada Kaminski, da RONA (Forczyk 2009, 31).

⁴⁴ Segundo a *Istoria*, o início das entregas aéreas soviéticas se deu no dia 14 de setembro, constituídas por armas, munição, alimentos e medicamentos. Ficou a cargo do 16º Exército do Ar e da 9ª Divisão de Bombardeiros Noturnos do coronel Rasskazova. Na noite do dia 14, foram 644 missões e 45 ton. de alimentos, 500 rifles, 60 morteiros, 6.020 granadas e outros equipamentos militares. Entre as noites de 14 de setembro e 1 de outubro ocorreram 2.243 surtidas, com a entrega de 156 morteiros, 505 rifles antitanque, 2.667 metralhadoras e fuzis, 41.780 granadas, 3 milhões de cartuchos, 113 ton. de alimentos e 500 quilos de medicamentos (Pospelov 1962, 245). Autores ocidentais afirmam que, ou não aconteceram, ou que as remessas soviéticas eram entregues sem paraquedas, inutilizando seu conteúdo. Davies (2005, 493) pertence aos últimos. Aponta, utilizando o rebelde e historiador Alexander Gieystor, que os aliados ocidentais despejaram 36 ton. de suprimentos dentro da cidade – 16 ton. numa única missão americana, efetuada com mil aviões. Já os soviéticos, a partir do dia 13 de setembro enviaram material todas as noites, no total de 150 ton. Dado que invalida o discurso antissoviético, da qual Davies participa. O mesmo autor acaba revelando a falta de precisão americana e as dúvidas soviéticas sobre a real disposição dos aliados. Em uma das missões, em 18 de setembro, 100 B-17 fizeram a rota Inglaterra-Poltava. Mais de 80% dos 1.284 pacotes caíram em zona alemã e não nas mãos do AK. Para os soviéticos, era indicação de que armavam os nazistas na esperança de barrar o avanço do Exército Vermelho (Davies 2005, 447).

⁴⁵ Na 1ª Frente Bielorrussa o número de mortos e feridos no território polonês em agosto e na primeira metade de setembro de 1944 ascendeu a 166.808 soldados, e as baixas da 1ª Frente Ucraniana apenas em agosto foram de 122.578 (Pospelov 1962, 245).

líderes poloneses no exílio de Londres”. A conta de sua aventura foi paga pelo povo polonês⁴⁶. A derrota do AK em Varsóvia teria aumentado a tensão e os confrontos com o Exército Vermelho⁴⁷.

O único outro movimento/partido do conturbado cenário político polonês citado nominalmente pela *Istoria* durante o levante é o NSZ, Forças Armadas Nacionais, antibolchevique e fascista. O caráter multipartidário da democracia popular polonesa, apesar do “papel protagonista” do partido comunista, é referido pela historiografia soviética com falta de entusiasmo⁴⁸. Tanto os autores soviéticos quanto os ocidentais apagam a atuação de outras agremiações – para além do AL e do AK.

A segunda versão da *Istoria*, publicada originalmente em russo em 1970, nos anos Brezhnev, possui algumas modificações. Berling (1896-1980), que havia trocado acusações com o comando de Lublin e que após a morte de Stalin em 1953 foi transferido da Academia de Estado-Maior polonesa para cargos sem importância (vice-ministro da Indústria, da Agricultura e, por fim, inspetor-geral da Caça), em 1963 tornou-se membro do POUP. Se na *Istoria* de 1962 aparece brevemente em três ocasiões, ao lado de oficiais poloneses do segundo escalão, em 1970 seu nome figura ao lado dos célebres generais soviéticos que irromperam pelo Bug em direção à Varsóvia: Tchuikov, Gúsev, Kolpakchí, Belov, Popov e dos marechais Rokossovsky e Zhukov (Pospelov 1975, 312). A Polônia demonstrara-se o país em que o partido comunista local demonstrava menos apoio popular e controle efetivo sobre o país. A carga ideológica aumentou⁴⁹. Talvez por ser a versão para publicação no exterior, resumida da original, em russo, de 1970.

⁴⁶ Nesse momento, a *Istoria* cita o discurso do então secretário-geral do PPR (e, em 1962, secretário-geral do POUP, o sucessor do PPR), Władysław Gomułka: “um terrível crime cometido pela reação contra o povo polaco [...]. As montanhas de cadáveres dos heroicos defensores de Varsóvia foram considerados pela reação apenas como um meio para o poder [...], o baixo desejo egoísta de poder [...]. O comando do AK cometeu crimes sem precedentes contra o povo. Este crime arranca a máscara da face da reação. Ao mesmo tempo, foi um fator decisivo para a morte política aos olhos de todas as pessoas” (Pospelov 1974, 246).

⁴⁷ “Com a libertação do país se exacerbou a luta de classes, aumentou a resistência da reação, que operava a mando do governo polonês no exílio. Os círculos reacionários da Polónia, vendo que sua tentativa de impor ao povo o governo de Londres no exílio falhara, recorreram a novas táticas destinadas a minar o jovem sistema democrático do país. Eles exigiram a ativação de forças contrarrevolucionárias no país, o fortalecimento do terror contra os líderes e ativistas do Partido dos Trabalhadores Polacos e outros membros do bloco democrático, contra figuras do Comitê Polaco de Libertação Nacional e os representantes do Exército Vermelho” (Pospelov 1962, 247).

⁴⁸ “Um papel ativo na transformação do estado polonês pertencia ao Partido dos Trabalhadores Poloneses, que funcionava como uma frente unida com outros partidos e organizações democráticas. Suas atividades foram facilitadas pelo fato de que a Polónia foi liberada pelo Exército Vermelho - o libertador dos polacos. Esta agitação revolucionária, segundo Bolesław Bierut [presidente (1947-54) e secretário-geral do partido (1948-56) da Polónia], foi possível porque as libertadas massas trabalhadoras da Polónia ‘...encontraram no Exército Vermelho seu aliado de classe que não só trouxe a libertação dos povos escravizados pelo hitlerismo, mas a sua presença paralisou o campo da reação e privou-o da possibilidade de iniciar o uso de armas contra o movimento revolucionário” (Pospelov 1965, 154). Outra passagem é: “o reforço da aliança com outros partidos do bloco democrático opôs vigorosas reações ao PPR” (Pospelov 1962, 247-248). Outros partidos, como o Partido Socialista (PPS) e o Partido Camponês (PSL) não são mencionados, apesar de formarem parte do bloco ou frente de partidos capitaneados pelo PPR (Partido Operário Unido Polonês, POUP, ou PZPR, a partir de 1949) na era socialista polonesa.

⁴⁹ A *Istoria* de 1970 possui passagens como: “Los trabajadores de Polonia acogieron con alegría el Ejército Rojo, ejército libertador. En ciudades y pueblos se celebraron mítines espontáneos en los que se exaltó la amistad sovieto-

A última versão da *Istoria*, a de dezembro de 1984, no original em russo, publicada no fugaz governo Chernenko, estava carregada pelo clima da Segunda Guerra Fria⁵⁰. Explana com mais detalhes como a Bagration e os preparativos no Vístula facilitaram a atividade anglo-americana na Normandia (Zhilin 1985, 324). Traz alguns detalhes inexistentes nas versões anteriores⁵¹. A tensão de 1980-81 na Polônia também produziu um texto em que se destacam as concessões soviéticas a esta⁵² e que simplesmente suprimiu qualquer comentário sobre o levante, que passa em branco inclusive na linha do tempo ao final do volume de 469 páginas, ao contrário da Grécia.

Os planos soviéticos de avanço indireto não eram recentes. Em agosto de 1940, Timoshenko e Meretskov apresentaram à Stalin um novo plano estratégico, revisão das contribuições anteriores e reedições dos marechais Tukhachevsky e Shaposhnikov, que previa, como os antecessores, a absorção do ataque inicial alemão seguido por uma contraofensiva como “operação profunda” no território inimigo. No entanto, ao contrário daqueles, que se preocupavam com o teatro norte, Timoshenko e Meretskov previam que o ataque alemão viria do sul, e que a contraofensiva soviética também deveria iniciar-se nesse teatro, isolando a Alemanha de seus satélites balcânicos, minando sua resistência e vontade de permanecer do lado do Eixo (Kershaw

polaca. Como símbolo de esta amistad, por doquier ondeaban juntas banderas polacas y soviéticas. Muchos patriotas polacos ayudaron todo lo que pudieron al Ejército Rojo”; “Las tropas soviéticas habían recibido la terminante indicación del partido y del Gobierno de no inmiscuirse en los asuntos internos de los Estados que liberaban y de facilitar a los pueblos el derecho a decidir por sí mismos su destino”; “Encabezados por los partidos comunistas y obreros, los trabajadores luchaban heroicamente contra los opresores fascistas. Se enfrentaban también a sus clases gobernantes, que, temiendo sobre todo las revoluciones populares, habían traicionado los intereses de la nación y frenaban el desarrollo del movimiento anti-fascista. La lucha de las masas populares de los países europeos contra los verdugos fascistas y sus cómplices fue un valioso aporte a la causa común de la derrota definitiva de la Alemania hitleriana”; “En el país se implantó un monstruoso régimen fascista. Los fusilamientos y la represión en masa eran fenómenos diarios”; “La reacción temía como el diablo a la cruz la victoria del pueblo y su subida al poder. Por eso, en vez de oponer resistencia a los invasores alemanes, hizo todo lo posible para debilitar el movimiento democrático antifascista, escindir sus filas y aislar del pueblo al” PPR; “Se ametrallaba por la espalda a los miembros del POP [PPR] y a los soldados y oficiales soviéticos. Se difundirán abyectas calumnias contra el Ejército Rojo”; “Con su presencia [o Ejército Vermelho] impidió a la reacción lanzarse a acciones armadas e influyó positivamente en la actividad de las masas trabajadoras. Esta conducta del Ejército Rojo, que era el reflejo de la justa política del partido y del Gobierno, fue característica de sus relaciones no sólo en Polonia, sino también en los otros Estados de Europa liberados por él” (POSPELOV, 1975, 313;333;334;335;338). A *Istoria* conta ainda com fotos para ilustrar a amizade entre as tropas soviéticas e as polonesas (de Berling), a saudação do povo polonês em Praga e a chegada de farinha ao povo de Varsóvia. A Polónia passara por revoltas, greves e agitações em 1953, 1956, 1968, 1970.

⁵⁰ “La actitud de EE.UU. e Inglaterra fue distinta: ellos procuraban cambiar la composición de los órganos de poder popular en Polonia y los demás países liberados (por ejemplo, en Francia) para hacerlos dóciles” (Zhilin 1985, 356).

⁵¹ Por exemplo, a de que o primeiro contato dos soviéticos com o Tiger VI ocorreu na cabeça de ponte de Sandomierz, em 12 de agosto de 1944. Três Tiger foram destruídos por alguns T-34 emboscados (Zhilin 1985, 323). A estreia do Tiger ocorreu pouco antes (18 de julho), na Normandia.

⁵² “Por la frontera con la URSS se tomaba la línea Curzon, con algunas modificaciones en favor de Polonia. Se previa la entrega a Polonia de la parte sur de Prusia Oriental y de la ciudad de Danzig y su región. El Gobierno soviético se comprometía a apoyar, a la hora de fijar la frontera entre Polonia y Alemania, la exigencia polaca de que dicha frontera fuera establecida por los ríos Oder y Neise, incluyendo Stettin en la composición de Polonia [...]. El Gobierno polaco en emigración [...] se proponía restaurar en el país [...] el poder de los terratenientes y capitalistas. No aceptaba que la frontera pasara por la línea Curzon. Sus representantes exigían que se les devolvieran extensos territorios ucranios y bielorrusos” (Zhilin 1985, 356).

2008, 325-326). Varsóvia, portanto, estava fora dos planos soviéticos – como eixo de avanço – desde antes da guerra. A preocupação soviética não era o confronto direto, tradição do país e desejo dos aliados ocidentais, mas sim bordejar as forças alemãs, atacar seus fracos aliados e privar a Alemanha de recursos valiosos.

Liddell Hart (1999, 394-396) comenta a adesão dos soviéticos a noções mais refinadas de estratégia, com o contorno de Varsóvia pelas cabeças de ponte ao sul, em Sandomierz. Ou a conjugação de golpes consecutivos em diferentes frentes, fortalecendo as linhas após um avanço enquanto novos ataques se sucediam em direções que não eram óbvias – o abandono do avanço direto para Berlim passando por Varsóvia pelo inesperado desbordamento da Romênia, ao sul, em direção à Hungria e Iugoslávia⁵³. Quando os soviéticos atacaram novamente de maneira frontal numa zona em que havia a expectativa de ataque e em que o inimigo já havia se fortificado, sofreram perdas enormes que atrasaram seu avanço, como prova a parada seguida da travessia do Oder, ou o desvio das forças de Rokossovsky, às portas de Varsóvia, para a primeira tentativa de invasão da Prússia Oriental. Avançar em dois frentes ao mesmo tempo incorreria contra a lei de dispersão excessiva. O que de fato sucedeu ao avanço russo no começo de 1945, dividido entre a travessia do Oder para Berlim e o cerco a Budapeste.

Os fatores diplomáticos foram tão importantes quanto os militares, fossem logísticos, táticos e estratégicos. O Tratado Anglo-Soviético⁵⁴ assinado em Londres em 26 de maio de 1942 pelos ministros das Relações Exteriores Anthony Eden e Viatcheslav Molotov foi a primeira tentativa de definição de áreas de influência entre soviéticos e britânicos. Estes concordaram com a Linha Curzon como fronteira soviético-polonesa, o que significava a devolução dos territórios conquistados pelo Tratado de Riga de 1921, após a Guerra Polaco-Soviética de 1919-21 e o estabelecimento de uma nova fronteira, similar à de 1945, sem que nenhum dos dois governos consultasse os poloneses exilados em Londres. A busca por limites definitivos permeou importantes discussões da Quarta Conferência de Moscou, de 9 a 19 de outubro de 1944 – poucos dias após a rendição dos últimos redutos do levante. No dia 10, Churchill e Stalin chegaram ao

⁵³ Enquanto os alemães esperavam o ataque ao norte, no Báltico, a Bagration se deu no centro, na Bielorrússia. Esperando a continuidade da ofensiva nessa direção, os alemães retiraram forças do sul para enviá-las ao centro. Nesse momento, a ofensiva paralisou-se no centro e desdobrou-se no sul (Beevor 2015, 652). Tchuiikov afirma, em suas memórias, que ataques alternados entre as várias frentes impediam aos alemães saberem onde o novo choque se daria, e a necessidade de mobilizar discretamente recursos para obter a supremacia numa determinada frente, a *maskirovka* (Tchuiikov 1980, 13).

⁵⁴ O tratado estabelecia o auxílio mútuo contra a Alemanha (daí o auxílio material britânico e a antecipação de ofensivas militares soviéticas como no Bulge) durante 20 anos, além de promessas de amizade e de uma organização para a manutenção da paz e da economia (Snyder; Brandon 2014, 241).

“Acordo das Porcentagens”⁵⁵, retificado e confirmado em Yalta, em fevereiro de 1945. Definiu-se que a influência sobre a Romênia seria dividida em 90% para a Rússia e 10% para a Inglaterra; a Grécia, em 90% para a Inglaterra e 10% para a Rússia; a Iugoslávia, 50/50%, a Hungria, 50/50%, a Bulgária, 75% Russa e 25% britânica.

Como Rasor (2000, 113) frisa, para o caso polonês, o controle de fato estava com os soviéticos e a Inglaterra nada poderia fazer. Ao contrário da retórica de Churchill, a Inglaterra não possuía a capacidade de pressionar a URSS pois dependia dela para o futuro ataque na Manchúria, como alívio para a recuperação das colônias asiáticas inglesas em mãos japonesas⁵⁶. Sua melhor esperança era a de limitar a influência soviética e inserir alguma presença britânica através de um governo misto com membros dos governos de Londres e Lublin – tática que se esfumava diante do avanço soviético, da impotência militar do AK e da obstinação dos poloneses de Londres em não efetuar as concessões que Churchill pedia, como forma dos soviéticos concordarem com esse governo misto. A Polônia não constou do acordo, pois Varsóvia e as fronteiras ocidentais ainda não foram libertadas e ambos os lados esperavam obter os maiores pontos de apoio possíveis para essa última divisão. Stalin contava com seu rolo compressor, e Churchill não perdera todas as esperanças com a continuidade de sua “estratégia mediterrânea” na Itália como uma avalanche sobre a Europa Central, da qual a continuidade de Trieste como italiana e não iugoslava foi um prêmio de consolação (Bevor 2015). Além disso, se em 1944 o eleitor inglês estava mais preocupado em derrotar a Alemanha (e em setembro de 1944 com a ameaça das V-2, disparado contra Londres pela primeira vez no dia 6), em 1945, ano de eleição (julho), ele estaria preocupado com o futuro do país que levou a Inglaterra à guerra. Qualquer influência no novo governo polonês era importante.

Durante as várias conferências realizadas entre os aliados durante a guerra, o status e controle dos territórios libertados era tema recorrente. Com o tempo, alguns pontos tornaram-se tácitos diante das posições mútuas. Um deles era o de que o território libertado por cada aliado seria área de influência prioritária dele, uma vez que os pedidos de concessões e partilhas não foram atendidos. A URSS solicitara que dentro do teatro mediterrâneo a antiga colônia italiana da

⁵⁵ Churchill procura narrar o Acordo das Porcentagens em suas *Memórias* como uma brincadeira que foi levada a sério pela má fé de Stalin (Churchill 1995, 1005-1008). Para sua infelicidade, Stalin dobrara e guardara no bolso o papel assinado por ambos. Obviamente, veio à tona com a disputa por redefinições das áreas de influências em 1947. Posteriormente, Churchill referir-se-ia ao acordo assinado numa simples folha de caderno como “documento impertinente” (Rasor 2000, 269), ou “papel travesso”, ou “maroto”, segundo a tradução adotada.

⁵⁶ A promessa de Stalin de atacar os japoneses, assim que a Alemanha fosse derrotada, foi feita para Churchill exatamente durante a Conferência de Moscou, no dia 13 de outubro, três dias após o Acordo das Porcentagens entre ambos (Gilbert 2014).

Tripolitânia⁵⁷, parte da Líbia, se tornasse área sob a sua tutela, ou que seu controle fosse compartilhado. A recusa dos aliados ocidentais em repartir o controle sobre suas conquistas gerou o precedente para que o aliado oriental adotasse a mesma postura. Além de sedimentar o preceito do reconhecimento das respectivas zonas de influência de cada potência.

As diferentes aspirações imperialistas de cada aliado também selaram o destino dos insurgentes de Varsóvia. Stalin, que criticara o imperialismo capitalista – em especial o inglês – antes e depois da Segunda Guerra, se viu à mesa dividindo esferas de influência com Churchill, como nas conferências europeias sobre a África colonial. A Inglaterra, que conquistara influência sobre a Iugoslávia e demais reinos balcânicos após a Primeira Guerra Mundial e a derrocada do Império Austro-Húngaro, queria estender seu poder sobre a Europa Central, em especial a Polônia⁵⁸, que fora aliada francesa nos anos 1920 e se aproximou da Alemanha durante parte significativa dos anos 1930. Por sua vez, os americanos desconfiavam dos impérios europeus à moda antiga. Confiantes em sua capacidade de expandir sua influência em decorrência de sua competitividade econômica e poder militar, desejavam o fim dos impérios coloniais como forma de estabelecerem o seu próprio, de novo feitio, sem restrições.

A historiografia conservadora ocidental acusa Roosevelt de fazer o jogo de Stalin ao não apoiar os planos de Churchill e assim “salvar” a Polônia. A historiografia soviética não vê nenhuma tensão entre os dois aliados ocidentais, imperialistas (apesar das possíveis tensões entre duas potências dessa natureza). Ambos pecam por não perceber o grau e a natureza do conflito entre os objetivos ingleses e americanos⁵⁹.

⁵⁷ Segundo o plano soviético, as três diferentes províncias da Líbia italiana deveriam ser divididas: a Tripolitânia ficaria sob sua guarda, Fezzan-Ghadames, sob os franceses, e a Cirenaica, com os ingleses. No acordo final, os territórios da Cirenaica e da Tripolitânia ficaram com os ingleses, e Fezzan-Ghadames, com os franceses. Na Conferência de Potsdam, entre 17 de julho e 2 de agosto de 1945, os soviéticos submeteram seu pedido mais uma vez, novamente negado (Zabecki 1999, 1281).

⁵⁸ Churchill não escondia seu desgosto com o regime Sanacja, que via como traiçoeiro, nem as dificuldades com a intransigência do governo polonês no exílio em Londres, no primeiro volume de suas *Memórias* (Churchill 1995, 167-168). Com a eclosão da Guerra Fria e a derrota para os trabalhistas em 1945 (que o incentivava a reforçar sua retórica conservadora como meio para retornar ao cargo de primeiro-ministro – o que de fato conseguiu em 1951-55), sua visão sobre o passado das relações anglo-polonesas foi alterada nos volumes subsequentes de suas *Memórias*.

⁵⁹ Beevor (2015) mostra o quanto a desconfiança entre os aliados ocidentais era elevada. Cada governo temia receber um peso desproporcional nos custos da guerra e em seus benefícios. Essa tensão levou à crise entre França e Inglaterra e ajudou a precipitar o colapso de ambos os aliados no continente em maio de 1940. A última coisa que o eleitorado americano (e seu governo) queria era ser arrancado de seu isolacionismo para sacrificar seus cidadãos e bens materiais numa guerra para salvar o Império Britânico (com seus monopólios que excluía a atividade econômica americana) e expandi-lo Europa Central adentro. Da mesma forma, os britânicos e seu primeiro-ministro não queriam travar uma guerra para que parte de seu império caísse em mãos americanas, ou que estes impusessem um novo modus operandi. A frase expressa por Churchill em 31 de dezembro ao seu Ministro das Colônias, “hands off the British Empire” se dirigia não contra os revolucionários comunistas na Índia ou Malásia britânicas, mas contra os americanos, como mote pré-Yalta e os temores de ser “enganado” por estes (Farrell 2011, 27).

Considerações finais

A historiografia de cada lado procura identificar a liberdade da Polônia com o grupo associado ao respectivo governo. Entre o governo no exílio em Londres, remanescente do regime dos coronéis de Pilsudski com o hibridismo de partidos pró-britânicos impostos pelos ingleses após a fuga do governo polonês, e o Comitê de Lublin, muito mais dócil à Stalin do que Sikorski ou Mikołajczyk à Londres, a liberdade parecia muito incerta para os poloneses. A experiência da libertação da Grécia e a Ditadura dos Coronéis serve de controle frente a libertação soviética e a Democracia Popular do POUP.

O lado ocidental, com algumas ressalvas (como Werth), insistia na traição política de Stalin às portas de Varsóvia, abandonando um aliado com o intuito de escravizá-lo, e minimizava ou silenciava razões técnicas, táticas e estratégicas puramente militares. Os soviéticos, por seu turno, priorizavam tais impedimentos materiais para a continuidade do avanço, e preferiam esquecer-se do Levante. As relações políticas polaco-russas, sempre tensas ao menos desde os Tempos Turbulentos, *Smutnoye Vremya*, que terminaram com a ascensão dos Romanov em 1613 (Montefiore 2016, 38-76) acabam despidas de quaisquer tons nacionais para se limitar às críticas deslegitimadoras do Governo de Londres como apêndice do fascismo polonês do pré-guerra. Quando lembrado, o Levante tratava-se de uma aventura desastrada e mal concebida fadada ao fracasso, diante da qual o Exército Vermelho nada poderia fazer. A inexistência *de fato* de uma aliança entre o governo no exílio e Moscou não é citada, como as biografias de comandantes do AK que lutaram contra a URSS em 1920, como o próprio Bór-Komorowski (Zamoyski 2013). Ao apagar a luta política direta (e raramente aludindo aos confrontos militares entre “aliados” concomitantes ao combate contra os nazistas) que existia entre os líderes do AK e a URSS, procurava-se amortecer os sentimentos nacionais que se tornaram agudos após séculos de avanços e recuos de fronteiras e tentativas (vitoriosas ou não) de conquista completa mútua do vizinho, num novo cenário geopolítico no qual ambos eram aliados e o governo polonês, subalterno. No ocidente, alimentava-se o mote de que os soviéticos não eram traiçoeiros e expansionistas, que por sua vez era uma barreira contra tratados, ao desarmamento, a contenção do crescente complexo militar-industrial e de seus interesses políticos e econômicos. A desconfiança mútua levaria em alguns meses à Operação Impensável, proposta por Churchill, que defendia armar os nazistas vencidos e atacar a URSS (Munhoz 2020), aos planos de bombardeio atômico americano às cidades soviéticas, ao uso da bomba atômica contra o Japão para forçar o fim da guerra e travar o avanço territorial soviético no Oriente acordado com Roosevelt. Quanto ao melodrama dos Poloneses

Livres abandonados ao fim da guerra, segundo Davies (2006), tal memória era útil para assegurar o voto de grupos militaristas ou de descendentes.

Stalin sabia o quanto a Grécia era importante estrategicamente para os britânicos⁶⁰. Além de assegurar o domínio do Mediterrâneo, ao lado de Gibraltar e Malta, Creta guarnecia o delta do Nilo e Alexandria. A vitória dos guerrilheiros comunistas ELAS, Exército Popular de Libertação Nacional, não seria admitida por Londres, que interviria, enfraquecendo qualquer possibilidade de paz entre as duas potências após a derrota alemã. Com as áreas mais ricas do país devastadas e o objetivo de constituir sua própria esfera de influência para além da Mongólia, este era um cenário que o Kremlin não desejava. Enquanto um concerto com Tito, auxiliado tanto por ingleses como soviéticos, se demonstrou possível após o fim da Guerra Civil Grega (a Iugoslávia aderiu ao Plano Marshall, mas permaneceu socialista, não-alinhada com a URSS ou o Ocidente, nem com o Pacto de Varsóvia ou a OTAN), a guerrilha na Grécia incomodava Moscou e Londres. O reconhecimento da Grécia como zona inglesa pelo Acordo das Porcentagens significava para Stalin que a Inglaterra reconheceria seu domínio de fato sobre a Polônia, especialmente após o fracasso inglês de fazer o governo no exílio fazer concessões ao Comitê de Lublin, à presença militar soviética, as fronteiras e ao caso Katyn. Ao ignorar o ELAS e não prosseguir rumo ao sul e a Atenas após ocupar Sófia em 16 de setembro, Stalin esperava que Churchill abandonasse o governo de Mikołajczyk – o que de fato ocorreu por algum tempo⁶¹, até a questão polonesa ser reavivada com a Guerra Fria e uma conveniente construção da memória histórica segundo o momento.

Acreditar que Stalin deveria ter agido em Varsóvia significa desconsiderar os planos soviéticos elaborados com antecedência que previam a continuidade do avanço mais ao sul. Significa pensar que Stalin sacrificaria as desgastadas forças do Exército Vermelho numa travessia difícil do Vístula⁶² apenas para assentar na Polônia um regime formado por políticos que inimizaram a URSS no entreguerras e mantiveram-se indiferentes ou francamente hostis aos soviéticos durante a guerra, num cenário que já se percebia como bipolar e vincado pela rivalidade e confronto capitalismo versus socialismo (Munhoz 2020). Como frisou Davies (2005), que faziam

⁶⁰ Um “aviso” foi a tentativa de desembarque britânico na Bulgária, após o pedido do regime local, temeroso da ocupação soviética. Fracassou, uma vez que o Exército Vermelho agiu antes que as tropas inglesas.

⁶¹ Em 13 de outubro, três dias após o Acordo das Porcentagens, tropas britânicas desembarcariam em Atenas (abandonada pelos alemães durante a noite, que já estavam em retirada em decorrência da ameaça soviética ao norte, na Bulgária) antes que os guerrilheiros pudessem entrar na capital e assim declarar um novo regime. Em seguida, dariam início a repressão às guerrilhas comunistas com o apoio dos grupos políticos gregos que haviam apoiado os alemães e que agora compunham o governo sob a tutela inglesa.

⁶² Tchuikov (1980 57; 62) afirma que o silêncio soviético do outro lado do Vístula por dias e dias era falso, pois ocorreu o reforço que permitiria a vitória. Que em 3 de agosto, o cenário da luta não era apenas por Varsóvia, com o AK, mas também nas regiões próximas, contra a SS Viking, Totenkopf, e a leste de Praga, a Hermann Göring, que impediam qualquer adiantamento da ofensiva, desencadeada em janeiro.

questão de demonstrar que eram aliados dos ingleses e que os ingleses o eram dos soviéticos, mas que eles mesmos não eram aliados dos soviéticos e nem poderiam ser, por questões ideológicas, fronteiriças e o Massacre de Katyn. Essa Polônia formaria uma cunha de influência inglesa no meio da esfera soviética, o que seria inadmissível para os soviéticos – principalmente com o fantasma de desentendimentos futuros e a tradição da Polônia de ser transformada em corredor para a agressão militar contra a Rússia ou a URSS. Significa que Stalin deveria ter dado mais apoio a rivais do que os seus próprios mantenedores ocidentais, mais ocupados com o atoleiro da Normandia, o desembarque em Toulon e Cannes, a libertação de Paris, a captura dos portos estratégicos de Antuérpia e Calais, com os preparativos para o desembarque nas Filipinas, e incapazes de liberar o número de bombardeiros e material que o governo polonês pediu para abastecer Varsóvia (ou mesmo enviar os poloneses livres). Que Stalin concederia a Polônia aos ingleses ao mesmo tempo em que abandonaria os guerrilheiros comunistas na Grécia e que não aceitaria negociar com os ingleses, ambos em busca de áreas definidas para exercer sua hegemonia.

Referências bibliográficas

- Academia das Ciências da URSS. *A Grande Guerra Pátria do povo soviético e a actualidade*. Moscou: Nauka, 1985.
- Beevor, Antony. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Record, 2015.
- Bezimenski, L. *O militarismo alemão com/sem Hitler*. Rio de Janeiro: Saga, 1967.
- Cienciala, Anna. “The Foreign Policy of Józef Piłsudski and Józef Beck, 1926-1939: misconceptions and interpretations”. *The Polish Review*, Illinois, 56, n. 1-2 (2011): 111-151.
- Chun, Clayton. *The Doolittle Raid, 1942*. Oxford: Osprey, 2006.
- Churchill, Winston. *Memórias da Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1995.
- Cohen, Stephen. *War with Russia? From Putin & Ukraine to Trump & Russiagate*. 2019. Nova York: Hot Books, 2019.
- Davies, Norman. *O Levante de 44*. Rio de Janeiro: Record, 2006.
- Deschner, Günther. *O Levante de Varsóvia*. Rio de Janeiro: Renes, 1975.
- Farrell, Brian. *Churchill and the Lion City*. Cingapura: NUS Press, 2011. <https://doi.org/10.2307/j.ctv1ntggr>
- Forczyk, Robert. *Warsaw 1944: Poland's bid for freedom*. Oxford: Osprey, 2009.
- Gilbert, Martin. *A Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2014.
- Grechko, A. *Missão Libertadora das Forças Armadas Soviéticas na Segunda Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Livraria Ciência e Paz, 1985.
- Hart, Basil Henry Liddell. *As grandes guerras da história*. São Paulo: IBRASA, 1999.
- Ieremeev, Leonid. *A União Soviética na II Guerra Mundial*. Rio de Janeiro: Revan, 1985.
- Jvostov, V., e L. Zukok. *História Contemporânea*. Rio de Janeiro: Vitória, 1961.

- Kershaw, Alex. *Dez decisões que mudaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- Kotkin, Stephen, e Jan Gross. *Sociedade incivil*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2013.
- Kulkov, E., O. Rjchevski, e I. Tchelichev. *A verdade e a mentira sobre a Segunda Guerra Mundial*. Lisboa: Editorial “Avante”, 1985.
- Leffler, Melvyn; Painter, David. *Origins of the Cold War: an international history*. Nova York: Routledge, 2005.
- Lukas, Richard. “Russia, the Warsaw uprising and the Cold War”. *The Polish Review*, Champaign, 20, n. 4 (1975): 13-25.
- Maiski, I. *Quién ayudó a Hitler*. Moscou: Progreso, s/d.
- Montefiore, Simon Sebag. *Os Romanov, 1613-1918*. São Paulo: Companhia das Letras, 2016.
- Munhoz, Sidnei. *Guerra Fria: história e historiografia*. Curitiba: Appris, 2020.
- Munhoz, Sidnei. Guerra Fria: um debate interpretativo. In: SILVA, Francisco Carlos Teixeira. *O século sombrio: uma história geral do século XX*. Rio de Janeiro: Elsevier/Campus, 2004. p.261-281.
- Poliakov, L., A. Leltchuk, e A. Protopopov. *História da Sociedade Soviética*. Moscou: Progresso, 1979.
- Ponomariov, B., org. *Historia del Partido Comunista de la Unión Soviética*. Moscou: Ediciones en Lenguas Extranjeras, 1962.
- Pospelov, P., org. *Istoria Velikoi Otecestvennoi Voiny Soiuza*. Moscou: Voenizdat, 1960-65. 6v.
- Pospelov, P., org. *La Gran Guerra Patria de la Unión Soviética*. Progreso: Moscou, 1975.
- Prazmowska, Anita. *Civil War in Poland, 1942-1948*. Houndmills: Palgrave, 2004. <https://doi.org/10.1057/9780230504882>
- Rasor, Eugene. *Winston S. Churchill, 1874-1965*. Westport: Greenwood, 2000.
- Revunenkov, V. *História dos Tempos Atuais*. Rio de Janeiro: Editorial Vitória, 1961.
- Reynolds, David. *In command of history*. Penguin: Londres, 2005.
- Riábov, Vassili. *O grande feio do povo soviético e do seu exército*. Moscou: Progresso, 1983.
- Schwartzman, Simon, org. *Estado Novo: um auto-retrato*. Brasília: UnB, 1983.
- Shtemenko, S. *El Estado Mayor Central durante la Guerra*. Moscou: Progreso, 1985.
- Smith, Joseph. *The Cold War, 1945-1965*. Nova York: Basil Blackwell, 1989.
- Snyder, Timothy; Brandon, Ray. *Stalin and Europe: imitation and domination, 1928-1953*. Oxford: Oxford University Press, 2014. <https://doi.org/10.1093/acprof:oso/9780199945566.001.0001>
- Stalin, José. *La Gran Guerra Patria de la Unión Soviética*. Buenos Aires: Partenon, 1946.
- Tchuikov. *O Fim do Terceiro Reich*. Moscou: Progreso, 1980.
- Volkogonov, Dmitri. *Stalin*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2004.
- Werth, Alexander. *A Rússia na Guerra*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1966.
- Zabecki, David. *World War II in Europe: An Encyclopedia*. Nova York: Routledge, 1999.
- Zaloga, Steven. *The Polish Army 1939-45*. Oxford: Osprey, 2013.
- Zamoyski, Adam. *Varsóvia, 1920*. Record: Rio de Janeiro, 2013.
- Zhilin, P., org. *La Grand Guerra Patria de la Unión Soviética: 1941-1945*. Moscou: Progreso, 1985.
-

Zhukov, G. K. *Memorias y meditaciones*. Santiago: Zig-Zag, 1970.

Recebido: 13 de maio de 2021
Aprovado: 14 de julho de 2021